



**ACADEMIA MILITAR
DIRECÇÃO DE ENSINO
CURSO DE INFANTARIA
TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO APLICADA**

**A II Guerra do Iraque
Determinação dos Pontos de Culminação**

Autor: Aspirante Aluno Inf^a João Rasteiro

Orientador: Tenente-Coronel Inf^a Bruno Brito

AMADORA, SETEMBRO DE 2008



**ACADEMIA MILITAR
DIRECÇÃO DE ENSINO
CURSO DE INFANTARIA
TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO APLICADA**

**A II Guerra do Iraque
Determinação dos Pontos de Culminação**

Autor: Aspirante Aluno Inf^a João Rasteiro

Orientador: Tenente-Coronel Inf^a Bruno Brito

AMADORA, SETEMBRO DE 2008

DEDICATÓRIA

À minha família, aos Antónios, à Amélia, e muito em especial à Daniela.

AGRADECIMENTOS

Dizer simplesmente obrigado sabe sempre a pouco. Mil obrigados não chegam, nem nunca chegariam. Espero e quero ser futuramente uma prova de sincero agradecimento, nos actos e nas palavras, para com todos aqueles que sempre me incentivaram e acreditaram em mim, tendo conhecimento das minhas limitações. Também sei que é impossível agradecer a todos aqueles que me ajudaram a palmilhar este caminho e a chegar a este momento tão importante da minha carreira militar.

A ordem que se segue não tem qualquer valor classificativo, surge ao correr do vento....

Aos meus grandes camaradas do curso de Infantaria que partilharam as dificuldades da elaboração deste trabalho, e que, de uma maneira ou de outra, contribuíram para o levar a bom porto. Obrigado, por todo o incentivo que me deram nos momentos mais difíceis.

Ao TCor Almeida Luís pelo seu apoio manifestado, que permitiu reunir as condições necessárias para me ajudar a vencer estes cinco anos.

Ao TCor Bruno Brito, orientador deste trabalho, pela sua disponibilidade permanente, pela forma rigorosa, prática, actual e didáctica como conduziu a orientação, e, acima de tudo, pela maneira simples como transmitiu o seu saber.

À Sr.^a Dr.^a Manuela pela forma simpática, carinhosa, competente e amiga como desde logo se disponibilizou para realizar a revisão ortográfica do meu trabalho, com sacrifício do seu trabalho e da sua família.

Aos meus pais, António e Amélia; ao meu irmão António, pois são os melhores do mundo.

À minha família pela compreensão e pelo carinho.

À Daniela pela compreensão, incentivo e amor que manifestou ao longo destes cinco anos, que formalmente terminam com este trabalho.

A todos, o meu sincero e sentido obrigado.

PREFÁCIO

Aceitei o convite para orientar esta dissertação de Mestrado com prazer e com apreensão. Com prazer, pelo conjunto de recordações que guardo do meu tempo de tirocinante: casado de fresco, sorridente, sem dívidas (...), e com o horizonte de uma colocação na melhor unidade de Infantaria, o Batalhão de Infantaria de Aveiro. Com apreensão, porque não reconheço em mim os traços de reflexão, maturidade e cultura geral que me permitiriam responder, no posto de Aspirante, ao desafio de uma dissertação. Esta fase de reflexão, encontro-a no curso de Estado-Maior, no posto de Major, no curso de Auditores de Defesa Nacional e no mestrado em Economia, ainda recente. Este aparente desajustamento, entre capacidades e expectativas, é resolvido formalmente pelo novo contexto, pós-Bolonha.

Associo-me, inequivocamente, ao tema e ao método: um tema actual, polémico, com pouca bibliografia de referência; um método clássico, que parte da definição dos conceitos para a interpretação livre das sequências de factos, sem procurar construir teorias de aplicação restrita. A interpretação livre resulta da opção de não-alinhamento pelas duas teses dominantes, a atlantista e a europeísta. O tema particular e o tema de base, o Iraque, permanecerão abertos à discussão, pelo menos nos próximos cinco anos¹.

A escolha do tema geral, o Iraque, coube ao Sr. Aspirante Rasteiro. A proposta do tema particular é minha, e tem uma explicação simples, a possibilidade de consolidar os meus conhecimentos sobre o Iraque, despertada por um acaso da “sorte militar”: em Outubro de 1998 tive o privilégio de assistir, como oficial da DPP/EME, a uma conferência do General Tommy Franks, o “pai” da Operação Iraqui Freedom, no âmbito das USArmy Planning Conferences, Washington DC. O tema era recorrente, a necessidade de voltar ao Iraque para “acabar” o trabalho. Olhando à distância, constato a existência de um plano militar forte, apoiado na ideia de supremacia militar global, mas dissociado de todo o conjunto de planos complementares “das outras estratégias gerais” necessárias à estabilização do Iraque.

¹ A campanha para as presidenciais americanas de 2008 é feita assumindo que os EUA se encontram de facto em guerra, em duas frentes (Iraque, Afeganistão), e que será necessário pensar numa retirada do Iraque, num prazo inferior a dois anos. O espaço da Coligação poderá, eventualmente, ser ocupado pela União Europeia, na continuação de uma acção estratégica concertada, com ênfase na diplomacia económica. Há um conjunto de eventos que permitem considerar esta possibilidade: a “recuperação” de Khadafi (esquecendo Lockerbie), a presença do Presidente Sírio, na tribuna das cerimónias do 14 de Julho de 2008 (Paris), e a aproximação da Itália à Líbia, a pretexto de uma “indenização pelo período colonial”, formalizada num acordo de 30 de Agosto de 2008 (Benghazi).

As campanhas de Rommel, no norte de Africa, permitem ilustrar o conceito de ponto de culminação, e definir um conjunto de aspectos característicos, numa lógica de “sintomas associados”. Na segunda parte, ao analisar o Iraque, vamos procurar detectar os “sintomas” que nos permitirão “diagnosticar”, com algum grau de confiança, a existência de pontos de culminação.

Rommel ataca, culmina e defende num domínio militar, clássico. É um conflito entre duas organizações, no sentido amplo do conceito de organização: conjunto de recursos humanos, materiais, financeiros e conhecimento, destinados à prossecução de um objectivo, no mesmo domínio. A Coligação, liderada pelos Estados Unidos, uma organização da era da informação, com a supremacia aero-espacial e terrestre, claudica, nesta guerra assumida contra uma não-organização.

O ponto de culminação significa uma incapacidade para prosseguir uma acção estratégica pré-definida. Ou seja, algures no longo processo de planeamento estratégico e operacional, o potencial relativo de uma entidade foi sobre-avaliado. A “mudança de acção”, determinada pela culminação, não pode ser confundida com a escolha de outra modalidade de acção, nem com a entrada em execução de um plano de contingência: em termos formais, a selecção das modalidades é feita na fase de planeamento, não na fase de execução; o plano de contingência é feito para fazer face a uma acção da força opositora, expectável, mas pouco provável.

O tema do Iraque permanece em aberto...

O Orientador da dissertação

Bruno da Silva Brito

TCor Inf cCEM

Docente da Cadeira de Investigação Operacional (ESPE)

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – CONCEITO DE PONTO DE CULMINAÇÃO.....	4
1.1. Estratégias e Níveis.....	4
1.2. A Arte Operacional.....	7
1.3. Ponto de Culminação.....	10
CAPÍTULO II – O AFRIKA KORPS.....	13
2.1. O apoio alemão à Itália.....	13
2.2. A sequência dos eventos batalhas.....	15
2.3. Descrição das principais batalhas.....	16
2.4. Os pontos de culminação.....	18
2.5. Acções dilatórias dos Pontos de Culminação.....	19
2.6. Aspectos característicos do ponto de culminação.....	20
CAPÍTULO III – A OPERAÇÃO “IRAQI FREEDOM”.....	21
3.1. O planeamento “revisitado” por Clark.....	21
3.2. A ameaça: uma não-organização.....	22
3.3. A Operação “Iraqi Freedom”.....	23
3.4. A gestão do pós-conflito.....	28
3.5. Ponto de culminação ou pontos de culminação.....	34
CONCLUSÕES.....	37
BIBLIOGRAFIA.....	39
ANEXOS.....	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COG – Centro de gravidade

DP – Ponto Decisivo

IN – Inimigo

JDAM - Joint Direct Attack Munitions

MITM-TC - missão, inimigo, terreno, meios disponíveis, tempo e considerações civis

NATO – Organização do Tratado do Atlântico Norte

NBQ - Nucleares, Biológicos e Químicos

NF – Nossas Forças

OBJ – Objectivo

OMS - Organização Mundial e Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

PCulm – Ponto de Culminação

PKK - Partido dos Trabalhadores do Curdistão

PR - Potencial Relativo

PRC – Potencial Relativo de Combate

RAF – Royal Air Force, Força Aérea Real Britânica

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1.1 - Divisões da Estratégia.....	5
Figura 1.2 - Os níveis da guerra.....	7
Figura 1.3 - Matriz de análise dos elementos básicos do potencial.....	11
Figura 1.4 - Relações históricas de potencial para planeamento.....	11
Figura 2.1 – Mapa do Mediterrâneo.....	13
Figura 2.2 – Cronograma.....	15
Figura 3.1 - Mapa do Iraque.....	24
Figura 3.2 - Najaf-Bagdad.....	27
Figura 3.3 - Abu Graib.....	30

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo A – Definições

Anexo B – Exemplo da matriz de análise do PRC

Anexo C – Breve cronologia do Conflito

RESUMO

O tema deste trabalho é a II Guerra do Iraque, tendo como objectivo a identificação dos seus pontos de culminação. É analisada a campanha de Rommel no Norte de Africa, como exemplo típico dos pontos de culminação. Seguidamente é analisada a operação Iraqi Freedom, constatando-se a existência de uma culminação ao nível da estratégia militar americana.

Palavras-chave: Ponto de culminação, Iraque, Arte operacional.

ABSTRACT

The subject of this paper is the Second Gulf War, aiming the identification of their culmination points. Rommel's campaign was analyzed, as an example of culmination points. After analyzing Operation Iraqi Freedom, it was found the existence of a culmination point, regarding the US military strategy.

Keywords: Culminating point, Iraq, Operational Art

INTRODUÇÃO

A conceptualização do “ponto de culminação” é geralmente atribuída a Clausewitz. Embora se possam encontrar em Sun Tzu elementos conceptuais sobre o ponto de culminação, a sua divulgação, no contexto da Arte Operacional é feita pela escola alemã. Rommel, nas suas reflexões sobre o desenvolvimento das campanhas de África, identifica os seus sucessivos pontos de culminação, cuja natureza era essencialmente logística. Numa segunda fase do seu processo reflexivo, face à insuficiência da cadeia logística italiana, Rommel procura desenvolver métodos para adiar ou ultrapassar esses pontos de culminação. As oficinas móveis, as equipas de contacto, a canibalização de equipamentos próprios e do inimigo são exemplos práticos de aplicação. Mas trata-se de um conceito puramente militar, com ênfase no poder militar puro, em que a logística e a capacidade militar são as áreas fulcrais.

A II Guerra do Iraque (ainda em curso), nas suas diferentes fases, apresenta vários episódios que poderão, em última análise, ser considerados como “sintomas” de pontos de culminação. Aquilo que se esperava que fosse uma campanha rápida e vitoriosa transformou-se numa penosa guerra de guerrilha urbana, difícil de conter.

A I Guerra do Golfo, em 1990, terminou com um embargo de 10 anos às exportações do petróleo e, não havendo melhor alternativa, com a reposição no poder de Saddam Hussein. A II Guerra do Golfo, iniciada a pretexto do 11 de Setembro de 2001, teve uma primeira fase extremamente rápida (19 dias até à ocupação de Bagdad), seguindo-se a fase terrestre, de ocupação física do terreno, ainda em curso.

O planeamento operacional da II Guerra do Golfo foi bastante conturbado: a fase terrestre deveria ser executada pelo “Exército do Norte”, uma força que seria armada e treinada pelos EUA, com base nos curdos-iraquianos. Perante a manifesta oposição da Turquia, a braços com as acções dos curdos-turcos, do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), e à sua mobilidade através da fronteira, a coligação viu-se obrigada a assumir, ela própria, esta tarefa operacional.

A existência de forças “locais” permitiria diminuir o volume de forças no terreno e, aspecto fundamental, reduzir o volume de baixas. Tendo como referência os anos anteriores, as baixas diárias são, em média, de 3 mortos e 5 feridos.

As alternativas à oposição Turca foram o emprego de empresas de segurança civis e o início de um programa de formação das novas forças armadas iraquianas. Perante a escassez de quadros, procedeu-se à re-mobilização dos graduados do antigo regime, anteriormente demitidos.

O empenhamento continuado no terreno, das forças da Coligação, em ambiente de guerra subversiva, veio colocar questões de rotação das forças e de moral das tropas. Adicionalmente, os EUA estão no Afeganistão, também em guerra, o que aumenta a pressão sobre os efectivos.

O caso “Jessica Lynch” veio revelar a fragilidade de uma força, incapaz de proteger a sua linha de comunicações. Um ponto de culminação puramente militar, referido pelos Comandantes Americanos, pedindo o reforço do dispositivo.

A discussão do orçamento americano apresentado por Bush ao Congresso, em Fevereiro, para financiar as operações militares em 2007 está no centro de um confronto político entre a Casa Branca e os democratas sobre o Iraque. Citando um artigo da Agência LUSA, de 10 de Abril de 2007, os democratas “... serviram-se do Orçamento para tentar forçar o regresso dos soldados, associando-lhe uma data de retirada, em 2008”. Claramente, estamos perante um ponto de culminação político, não militar, com influência directa na condução das operações.

A questão dos reféns e baixas, nas suas diversas nacionalidades (Espanha, Coreia, Alemanha) e as diferentes “respostas” nacionais passam a ser elementos “aceleradores” dos pontos de culminação, aumentando a pressão das opiniões públicas nacionais, e eliminando a separação entre o nível tático e o nível estratégico.

As diversas alterações de postura, efectuadas desde 2003, significam a incapacidade de seguir a estratégia inicialmente definida. Em termos militares, poderemos considerar que a estratégia inicial foi alterada, porque teria atingido um ou mais pontos de culminação. É este o objectivo do presente trabalho, procurar identificar os pontos de culminação aparentes na II Guerra do Iraque, classificados quanto à sua natureza (militar ou não militar) e ao nível (estratégico, operacional e tático).

No primeiro capítulo vamos proceder à definição dos conceitos teóricos fundamentais, designadamente os conceitos de estratégia, níveis (estratégico, operacional e tático), arte operacional, centro de gravidade e ponto de culminação.

O segundo capítulo é dedicado ao conceito de ponto de culminação. As campanhas de Rommel, no Norte de África, permitem ilustrar o conceito de ponto de culminação. É uma campanha dinâmica, com vários pontos de culminação, em que o fenómeno é conhecido e explorado pelos contendores. Numa segunda análise, vamos enunciar os aspectos característicos do “ponto de culminação”, e as acções tomadas por ambos os contendores para adiar a “culminação”.

No terceiro capítulo vamos analisar a II Guerra do Iraque, à luz dos aspectos característicos do ponto de culminação deduzidos da análise das campanhas de Rommel. A pesquisa factual é feita com base apenas em fontes “abertas”, fundamentalmente em artigos de imprensa. Não há informação “oficial” disponível, nem decorreu ainda o tempo necessário para uma pesquisa histórica consistente. Assim, o trabalho reflecte uma observação temporalmente próxima, orientada para a temática dos pontos de culminação. Esta proximidade temporal e predisposição para um objectivo constitui uma limitação, do ponto de vista da isenção do investigador, mas traduz uma percepção individual, apoiada num suporte conceptual que se pretende rigoroso.

Da questão central derivam as seguintes, concorrentes para o objectivo do estudo:

- Há pontos de culminação? Se sim, qual a sua natureza e nível?
- Os pontos de culminação são “próprios da coligação”, ou são impostos pelo opositor? Há exploração dos pontos de culminação, pelo opositor?

CAPÍTULO I – CONCEITO DE PONTO DE CULMINAÇÃO

Neste capítulo vamos proceder à definição dos conceitos teóricos fundamentais, designadamente os conceitos de estratégia, níveis (estratégico, operacional e tático), arte operacional, centro de gravidade e ponto de culminação, estes últimos no contexto da arte operacional.

1.1. Estratégias e Níveis

Para Clausewitz² (1997), a guerra é um acto de violência destinado a forçar o adversário a submeter-se à nossa vontade. Assim, a guerra é um meio no qual a violência é usada para atingir um fim. A guerra é caracterizada, segundo Cabral Couto (1988), como um facto colectivo diferenciando-se, assim, dos actos individuais, tendo como fim um interesse colectivo e não privado. A guerra é também um acto político que surge de uma situação política e visa um objectivo político. Como refere Clausewitz (1997), a guerra não é senão uma continuação da política por outros meios. Cabral Couto (1988:148) define guerra como uma “violência organizada entre grupos políticos, em que o recurso à luta armada constitui, pelo menos, uma possibilidade potencial, visando um determinado fim político, dirigida contra as fontes do poder do adversário e desenrolando-se segundo um jogo contínuo de probabilidades e azares”.

A guerra pode ser caracterizada como limitada ou ilimitada. Uma guerra é limitada quando não envolve todas as possibilidades dos beligerantes (Couto, 1988). Uma guerra pode ser limitada por parte de um Estado e ilimitada por parte de outro, quando o potencial relativo de um dos lados é muito superior do que o outro. As guerras travam-se por objectivos importantes, mas que não são vitais, sendo consideradas limitadas. A guerra que se trava por objectivos considerados vitais é caracterizada como ilimitada. Uma guerra ilimitada pode ascender aos extremos da violência, porque emprega, sem limitações todos os tipos de coacção.

² Carl Philipp Gottlieb Von Clausewitz (1780-1831) nasceu a 1 de Junho de 1780 em Burg, perto da cidade de Magdeburgo. Entrou para o Exército prussiano em 1792 e em 1801 foi admitido na Escola de Guerra de Berlim. Em 1818 ocupou o cargo de director da Escola de Guerra. Clausewitz morreu em 16 de Novembro de 1831.

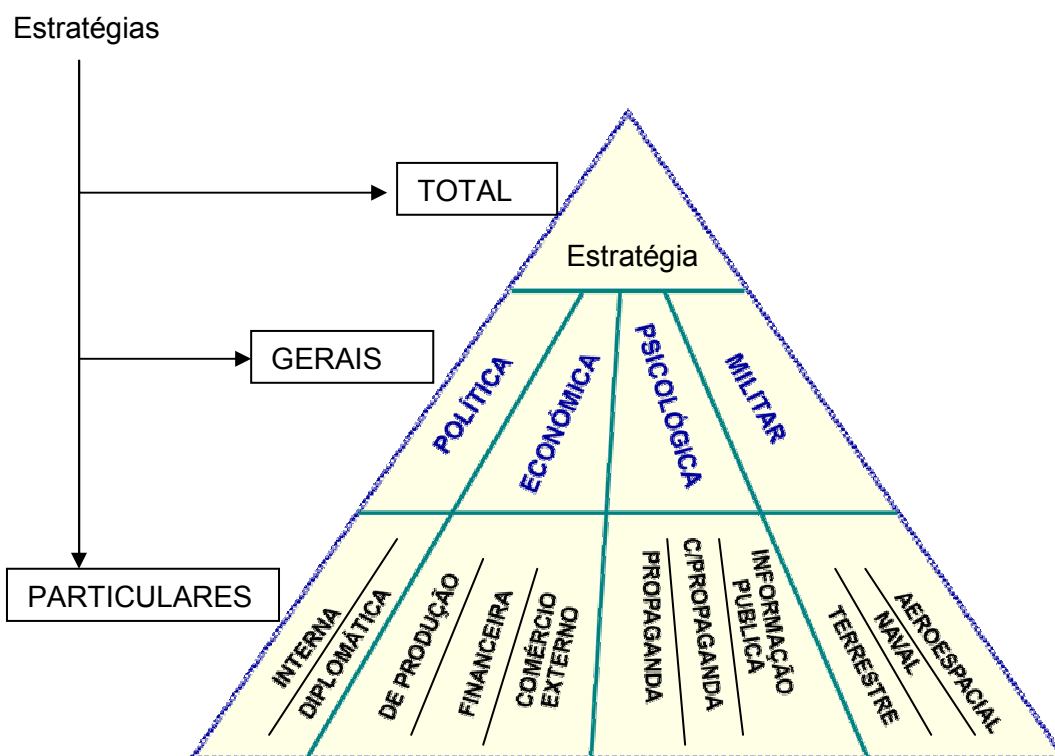
O conceito de Estratégia tem vindo a ter várias interpretações ao longo dos anos, sendo por vezes incorrectamente utilizado. Inicialmente a Estratégia resumia-se à Estratégia militar, como sendo a melhor forma de articular e aplicar os meios militares para se alcançar a vitória na guerra. Mas a Estratégia começou a ter outra dimensão e a ser usada frequentemente no dia-a-dia. Segundo Cabral Couto (1988:209) a Estratégia pode ser definida como “a ciência e a arte de desenvolver e utilizar as forças morais e materiais de uma unidade política ou coligação, a fim de se atingirem objectivos políticos que suscitam, ou podem suscitar, a hostilidade de uma outra vontade política”.

A teoria divide a Estratégia em estratégias mais especializadas de acordo com os seguintes critérios:

- formas de coacção (integral ou total, geral, particular);
- preparação e utilização das forças (genética, estrutural e operacional);
- estilo ou modo de acção (directa e indirecta);

Figura 1.1 – Divisões da Estratégia

Formas de coacção



Fonte: Baseado em Couto (1988:227)

Segundo Clausewitz, a guerra pode dividir-se em dois níveis: o operacional e o tático. O nível tático inclui o planeamento e emprego de forças, enquanto o operacional se refere ao uso ou à coordenação do emprego das forças para a consecução dos objectivos da guerra.

Os níveis da guerra são perspectivas doutrinárias que clarificam as ligações entre os objectivos estratégicos e as acções táticas (FM 3-0, 2008).

Podemos definir os vários níveis da guerra pelas consequências que produzem, embora também se possa afirmar que quanto maior for o escalão mais elevado será o nível da Guerra (TGOM I, 1998).

Em termos conceptuais os conflitos são travados a três níveis, estratégico, operacional e tático. Cada nível tem actores e ciclos de planeamento distintos, havendo uma integração vertical (os objectivos estratégicos são decompostos em objectivos intermédios e finais) e uma integração horizontal (as diferentes acções de cada estratégia geral são coordenadas no tempo e no espaço).

No domínio da estratégia militar, a arte operacional está relacionada com os vários níveis da guerra, fazendo a interligação entre o nível tático e o nível estratégico, conhecendo-se este como nível operacional.

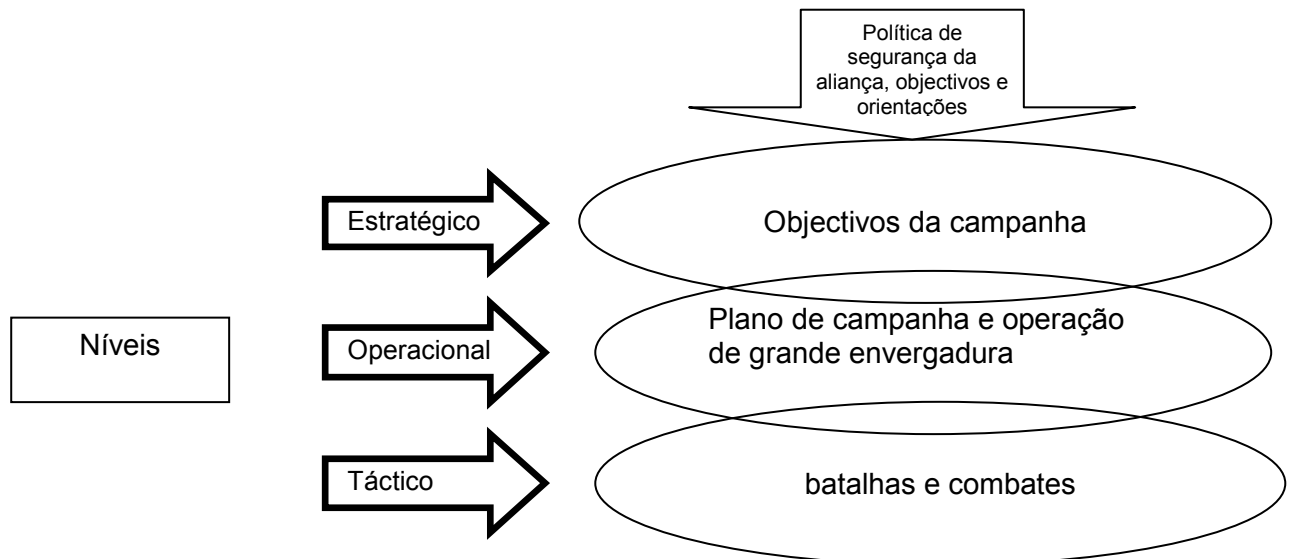
O nível operacional relaciona-se com o Teatro de Operações, tendo sempre presente os objectivos estratégicos definidos pela Estratégia. O nível tático está relacionado com as missões atribuídas às várias forças durante a missão, para o cumprimento dos planos estabelecidos ao nível operacional. O nível em que as acções ocorrem é determinado pelas perspectivas do escalão em termos de planeamento, preparação e execução (FM 3-0, 2008).

O nível estratégico é o nível em que uma determinada entidade política (normalmente um Estado) determina os seus objectivos estratégicos e de orientação a fim de desenvolver e utilizar os recursos que tem ao seu alcance para poder atingir os seus objectivos.

Ao nível operacional, as Forças Armadas são empregues para atingir os objectivos políticos através da tática e do emprego das forças. É neste nível que se obtém o sucesso de uma batalha ou de um combate.

Quanto ao nível tático, este concentra-se mais no planeamento e na execução das batalhas para poder atingir os objectivos. A sequência das vitórias táticas é uma condição para o sucesso na estratégia militar (JP 3-0, 2008). Mas não garante o sucesso ao nível estratégico, se estiver dissociada das “vitórias” nas outras estratégias gerais, complementares.

Figura 1.2 - Os níveis da guerra



Fonte: Baseado no RC130 (2005)

1.2. A Arte Operacional

Segundo o RC130 (2005), a arte operacional é o emprego judicioso das forças militares para alcançar objectivos estratégicos e/ou operacionais através da concepção, organização, integração e condução de estratégias de teatro, campanhas, operações e batalhas. A arte operacional é colocada ao nível dos comandos superiores, onde é feito o planeamento e coordenação e controlo das operações.

A denominação de “Arte”, complementar à Ciência Militar, evoca os pequenos detalhes que revelam a genialidade e visão criativa dos comandantes, na utilização dos meios. A primeira Guerra do Golfo apresenta alguns exemplos, dos dois lados em confronto. Para apoiar o movimento das forças da coligação, foram pré-posicionados depósitos de combustíveis, para lá da linha de contacto, na profundidade das linhas iraquianas, o que revela uma forma arriscada de resolver a diferença de velocidades entre os carros de combate e os auto-tanques de combustíveis. O segundo exemplo é o do incêndio dos poços de petróleo no Kuwait, aquando da retirada das forças iraquianas: para além do dano, os fumos dos incêndios impossibilitavam a vigilância e reconhecimento feito a partir dos Space Shuttle, o que permitia uma retirada em segurança, preservando o potencial de combate iraquiano.

A arte operacional faz apelo à imaginação criativa dos comandantes e à sua liberdade de pensamento, conhecimento, capacidade de decisão e experiência para o emprego de forças militares, e é aplicada ao nível operacional (FM 3-0, 2008).

A arte operacional é um processo dinâmico, cíclico, que se inicia com a determinação e definição dos centros de gravidade (COG) do inimigo e dos centros de gravidade das nossas próprias forças. A justificação dos primeiros é implícita, as operações (no espectro das operações militares e não militares) visam atingir os centros de gravidade do inimigo, independentemente da sua natureza. A justificação dos segundos resulta da forma dual do conflito: o opositor tem como principal objectivo neutralizar o COG adversário a fim de o impossibilitar de alcançar os seus objectivos, nunca se esquecendo de proteger o seu próprio COG.

Segundo o RC130 (2005: III-7), os COG são definidos como “as características, capacidades ou locais dos quais derivam a liberdade de acção, a força física, ou a vontade de combater de uma nação, de uma aliança, de uma força militar ou outra entidade”. Acima de tudo, o COG deve reflectir o “estado final” desejado, após a operação. E este “estado final” desejado deve coincidir com o objectivo estratégico definido pela Política.

Para ilustrar a natureza difusa que pode tomar um COG, socorremo-nos de alguns COG apresentados pela coligação, desde o 11 de Setembro de 2001, até à actualidade:

- captura ou morte de Bin-Ladden;
- conquista de Bagdad;
- captura de Saddam e dos restantes membros do baralho de cartas (52 cartas);
- conquista de Tikrit, terra natal de Saddam, pelo seu valor simbólico;
- captura ou morte de Al-Zarkawi;
- o povo iraquiano.

É de sublinhar a relativa maior objectividade do COG da primeira guerra do Golfo (o centro de gravidade era a Guarda Republicana e o seu potencial militar).

A determinação dos COG é feita com base no estudo antecipado das possibilidades e capacidades do inimigo, bem como das nossas possibilidades e limitações. Existem COG estratégicos, operacionais e táticos.

No nível estratégico, os COG podem residir no poder de um regime, na vontade da população, no nacionalismo étnico, no poder económico, nas forças armadas ou na estrutura dum coligação. É neste nível que se faz a identificação precisa dos COG da força opositora.

Os COG, ao nível operacional, centram-se nos meios físicos para poder atingir os objectivos operacionais e estratégicos, o poder aéreo e marítimo das forças, e, ainda o uso

de armas de destruição maciça. Poderá estar concentrado num determinado local ou também poderá estar disperso.

Quanto ao nível tático, os COG são já muito mais específicos visto que estes se localizam ao nível das batalhas para conseguir atingir a vitória RC130 (2005).

Depois de uma primeira identificação do COG, é necessário validar a sua escolha, confirmando se, de facto, ele contribui para a prossecução dos objectivos definidos.

A análise dos COG da nossa própria força é feita numa perspectiva dual da guerra, o inimigo fará também uma análise dos nossos COG, que deverão ser protegidos. Após a definição de COG, procede-se ao desenho das linhas de acção e sequência de objectivos.

Os objectivos devem estar bem definidos e contribuir para alcançar o “estado final” desejado. Estes são determinados pelo comandante e dados aos seus subordinados para estes definirem claramente as suas tarefas. Um objectivo pode representar terreno ou força inimiga. Para cada um dos níveis são estabelecidos objectivos a serem alcançados. Os objectivos podem ser: políticos, estratégicos, operacionais ou táticos.

Segundo o RC130 (2005:III-6) os objectivos políticos definem os fins políticos de uma Nação, aliança ou coligação, com base nos interesses vitais e no estado final desejado. São definidos pelo poder político. É para eles que são direccionados todos os esforços e recursos numa situação de crise. Estes objectivos são depois decompostos e reformulados em objectivos operacionais e objectivos táticos.

Os objectivos estratégicos são definidos pelo comandante do nível estratégico de acordo com os objectivos estabelecidos pela Política. “O objectivo estratégico militar deve reflectir um estado final estratégico-militar que permita a retracção das forças da NATO em determinada fase, mesmo antes de ser atingido o estado final político” (RC130, 2005).

Os objectivos operacionais são determinados de acordo com a análise dos objectivos estratégicos e com a avaliação do estado final. Estes objectivos vão ajudar a conduzir as operações centradas nos pontos decisivos (DP), definindo a finalidade das tarefas a desempenhar pelos seus comandos subordinados.

Os objectivos táticos são estabelecidos para as operações de acordo com os objectivos superiormente aprovados, contribuindo para a resolução das tarefas que lhe foram atribuídas.

A passagem ao capítulo seguinte, o ponto de culminação, surge quase como uma verificação de uma omissão da arte operacional. Relembrando Clausewitz (1997), a percepção do ponto de culminação deverá estar sempre presente no planeamento de uma operação, ou seja, ser sempre uma preocupação do estrategista, criando assim uma limitação nos objectivos a que nos propomos.

Ou seja, todas as capacidades enunciadas na arte operacional são finitas: a fase do desenho e a fase da conduta da operação deverão acautelar os pontos de culminação da própria força e ter em conta os pontos de culminação previsíveis do adversário.

1.3. Ponto de Culminação

Segundo o RC 130 (2005:B-8), “o ponto de culminação na ofensiva representa o tempo e o espaço no qual o potencial de combate eficaz já não excede o potencial do defensor ou o ímpeto, o ataque não pode ser mantido, ou ambos. Para além do ponto de culminação, o atacante arrisca um contra-ataque do inimigo e a consequente derrota”.

Não é um conceito claro, o que nos obriga a propor um conceito alternativo: o ponto de culminação é alcançado quando, num dado momento e espaço, o potencial relativo (PR) de uma força atinge o valor unitário. Exemplificando, uma força inicia o seu ataque com um PRC de 3:1. Com o desgaste, o seu potencial vai diminuindo, até atingir um PRC unitário. A partir deste momento, se a força mantiver o empenhamento (e a taxa de desgaste associada), o PRC passará a ser desfavorável.

Pela sua importância, apresentamos seguidamente, em linhas gerais, os conceitos de potencial relativo (PR) e potencial relativo de combate (PRC).

A primeira distinção entre os dois conceitos prende-se com a divisão das estratégias: a avaliação do PR é válida para todas as estratégias gerais (económica, diplomática, militar); a avaliação do PRC é exclusiva da estratégia geral militar, porque se refere a forças combatentes.

O PR resulta da comparação entre as nossas forças (NF) e o inimigo (IN), dos efeitos criados pela combinação dos elementos básicos do potencial e dos factores influenciadores do potencial. Desta análise pretende-se identificar os pontos fortes e os pontos fracos das nossas forças. O desenho da operação procurará explorar os pontos fortes e proteger ou acautelar os nossos pontos fracos. E isto é válido para todas as estratégias gerais.

A análise do PRC, exclusiva da estratégia militar, tem em conta diversos factores tangíveis (equipamento, sistemas de armas e unidades e factores intangíveis (moral e níveis de treino). Também devemos ter sempre presente os factores de decisão (missão, inimigo, terreno, meios disponíveis, tempo e considerações civis) MITM-TC. Existem algumas regras de cálculo do PRC, mas servem apenas de estimativa do número, da relação das forças, onde se identifica os pontos fortes e fracos de ambas as forças. O Estado Maior tem o conhecimento das capacidades das forças relacionadas com a operação, qual o tipo de

operação, onde e quando o inimigo é mais vulnerável e quais os recursos que se necessita para o cumprimento da missão (PDM, 2005).

A título de exemplo apresenta-se uma matriz de análise dos elementos básicos do potencial, feita ao nível tático de unidade de escalão Batalhão (figura 1.3).

Figura 1.3 – Matriz de análise dos elementos básicos do potencial

Elementos Básicos	Aspectos a considerar	Situação		PRC	Aspectos a explorar nas m/a
		NT	In		
Unidades de manobra	PelAtMec				
	CC				
	AACar				
Unidades de ApFogos	PelMortP				
Situação Aérea	Saídas CAS				
Situação NBO	NBO				

Fonte: PDM (2005)

A relação entre o potencial relativo de combate (PRC) e o tipo de acção a desenvolver (atacar, defender, retardar, etc.) já está de alguma forma “parametrizado”, em regras de “bom-senso”, facilmente aceitáveis (figura 1.4).

É importante sublinhar que o PRC pode ser local, ou geral, e é referido a um dado momento.

Figura 1.4 - Relações históricas de potencial para planeamento

Missão das F. Amigas	PRC	Observações
Retardar	1: 6	
Defender	1: 3	Preparada/fortificada
Defender	1: 2,5	Imediata
Atacar	3: 1	Preparada/fortificada
Atacar	2,5: 1	Imediata
Contra-atacar	1: 1	De flanco

Fonte: PDM (2005)

Tal como há uma integração das estratégias, também há uma “integração” dos pontos de culminação, no sentido ascendente: um ponto de culminação, a nível tático ou

operacional, poderá ter implicações ao nível operacional ou estratégico, criando um ponto de culminação estratégico.

As causas dos pontos de culminação são diversas, quanto à natureza e quanto ao nível estratégico onde é originado. Conceptualmente, a causa reside, em qualquer nível, no planeamento deficiente, quanto ao tempo da operação, quanto aos objectivos, quanto aos recursos necessários ou, erro mais grave, quanto à variação do potencial relativo das forças ao longo do conflito. Um planeamento logístico deficiente, ao nível da logística de produção, poderá por em causa uma operação de longa duração. Um planeamento deficiente dos recursos humanos poderá obrigar a uma elevada permanência das forças no teatro, afectando a moral das tropas.

Em síntese o conceito de ponto de culminação apresenta os seguintes elementos:

- há duas forças em oposição;
- o potencial das duas forças em confronto pode ser quantificável, através de um potencial relativo (PR), conceptualmente idêntico ao potencial relativo de combate (PRC);
 - este PR, quanto ao espaço do conflito, pode ser geral ou local. Num dado momento, uma força pode ter um PR geral superior, e um PR local desfavorável;
- há um PCulm (estratégico, operacional ou tático) quando há uma igualdade no potencial relativo (geral ou local);
- uma inversão do PR significa uma inversão do tipo de acção (de defensiva para ofensiva, ou de defensiva para ofensiva). Esta inversão do tipo de acção é protagonizada e sentida pelas forças;
- o nível do PCulm (estratégico, operacional ou tático) é determinado pelos “efeitos percebidos” resultantes das acções, independentemente do nível em que se situam, ou seja, não são as acções que determinam o nível, mas sim os seus “efeitos percebidos”.³

³ A questão dos “efeitos percebidos” reflecte o papel dos mass media, enquanto condicionadores da informação e da opinião pública.

CAPÍTULO II – O AFRIKA KORPS

2.1. O apoio alemão à Itália

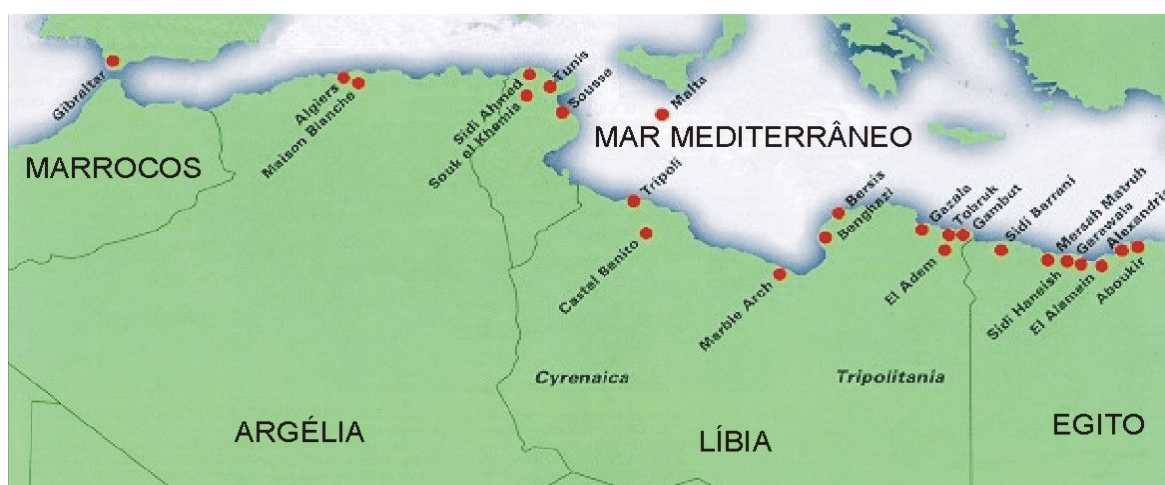
Em 1914 a Líbia estava ocupada pelos italianos. Durante a Primeira Guerra Mundial, os líbios recuperaram o controle de quase todo o território, à exceção de alguns portos. Terminada a guerra, os italianos empreenderam a reconquista do país e, em 1939, a Líbia foi incorporada ao reino da Itália.

A guerra no Norte da África iniciou-se com a declaração de guerra da Itália contra a Grã-Bretanha e França, em Junho de 1940. O primeiro confronto entre Italianos e Ingleses ocorreu na fronteira entre a Líbia (italiana) e o Egipto. O Exército Italiano, liderado pelo Marechal Graziani, após uma invasão inicial bem sucedida do Egipto, foi derrotado pelos Ingleses.

A Itália estava a sofrer bastantes baixas e a situação tendia a agravar-se. Para fazer face a esta situação a Itália pediu à Alemanha que enviasse uma força de apoio. O reforço foi efectuado com uma força denominada de “Afrika Korps”, que seria apoiada logisticamente pelos italianos, comandada pelo General Erwin Rommel, em Fevereiro de 1941. Em Março de 1941, com uma força renovada, a ofensiva é retomada, iniciando-se uma série de movimentos ofensivos e defensivos, alternados, característicos dos sucessivos pontos de culminação.

No dia 31 de Março de 1941, Rommel ataca e obriga os britânicos a abandonarem as suas posições e a recuarem até Tobruk. A progressão de Rommel é travada pela falta de reabastecimentos.

Figura 2.1.- Mapa do Mediterrâneo



Fonte: www.milavcorner.0catch.com

As tropas inglesas lançam um ataque e obrigam Rommel a recuar.

Após ter o domínio aéreo, Rommel lança um ataque a Tobruk, onde consegue destruir as tropas britânicas e manter a posse do terreno. Ao chegar à fronteira egípcia, Rommel decide lançar uma ofensiva para conquistar o canal do Suez e avançar em direcção ao Oriente, para controlar os poços de petróleo dessa região.

As tropas inglesas começam a receber reforços e a reabastecer-se, conseguindo deter a progressão de Rommel.

O início da derrota Alemã dá-se precisamente em El Alamein, provocado pela falta de combustíveis para as suas viaturas.

Rommel propõe a Hitler uma retirada organizada, para que o número de baixas não aumentasse ainda mais, mas Hitler não o autoriza. Após a derrota de El Alamein, Rommel inicia uma retirada, sob pressão, para a Tunísia. É o fim da aventura italiana na Líbia.

2.2. A sequência dos eventos batalhas

A tabela seguinte apresenta os principais eventos da campanha do Africa Korps, que ocorrem no ano de 1942. Os eventos seleccionados incluem as principais batalhas, a postura das forças (ataque / defesa), as nomeações e demissões dos Comandantes e as visitas de relevo.

1942	Africa Korps	Acção Britânica	Obs:
Jan		Nomeação de Auchinleck	Cmdt-Chefe
20Jun	Ataque	Defesa	Tobruk
23Jun	Ataque	Defesa	Sollum
25Jun	Ataque	Defesa	Marsa-Matruh
26Jun	Ataque	Defesa	Bir Kalda
1Jul	Ataque	Defesa	El Alamein
4Jul	Defesa	Ataque	
26Jul	Defesa	Ataque	Sollum-Halfaya
04Ago		Churchill visita o VIII Exército	Cairo
08Ago		Demissão de Auchinleck e Ritchie	Cmdt-Chefe Cmdt VIII Ex
15Ago		Nomeação de Alexander e Montgomery	Cmdt-Chefe Cmdt VIII Ex
16Ago		Churchill visita o VIII Exército	Cairo
30Ago-3Set	Ataque	Defesa	Alam El-Halfa
23Out	Defesa	Ataque	El Alamein
25Out	Rommel visita Roma e pede reforços		
7Nov	Defesa	Ataque	Marsa-Matruh
12Nov	Defesa	Ataque	

Figura 2.2.-Cronograma

Fonte: Coligido pelo autor a partir da bibliografia apresentada

2.3. Descrição das principais batalhas

A Batalha de Tobruk (20JUN1942)

Tobruk fazia parte do território dominado pelos ingleses e era um porto estratégico para o avanço das tropas germano-italianas. A rapidez e a violência com que o ataque foi executado levaram à capitulação das forças aliadas.

No dia 20 de Junho de 1942, Tobruk rendeu-se ao Exército comandado por Rommel, após um ataque sincronizado, com o apoio da artilharia e da aviação. Às cinco da manhã, do dia 20 de Junho de 1942, dá-se início o ataque, e a tropa apeada inicia o assalto às posições fortificadas. A coordenação entre os meios terrestres e aéreos era perfeita, deixando, assim, as tropas britânicas sem reacção. Com a conquista de Tobruk, as forças germano-italianas tinham na sua posse um importante e estratégico porto no Mar Mediterrâneo, o que aumentava assim o domínio marítimo. Com esta importante vitória, Rommel foi promovido ao posto de Marechal.

A Batalha de El Alamein (1JUL1942)

Com a conquista de Tobruk, e sem uma autorização oficial, Rommel avançou com as suas forças para El Alamein, em direcção ao Cairo, mantendo o ímpeto do ataque.

A posição de El Alamein tinha 65 km de extensão e estava situada entre o Mediterrâneo e a depressão de Quatara. Constituíam-se uma excelente posição defensiva, quase intransponível, canalizando todas as forças para este ponto de passagem.

Auchinleck decide recuar a sua posição e ocupar uma posição defensiva no perímetro de Marsa-Matruh.

Rommel efectua um ataque frontal à posição de Marsa-Matruh. Ambas as forças estavam bastante desgastadas, mas os britânicos encontravam-se agora mais perto da sua retaguarda recebendo os reforços mais rapidamente que os germano-italianos. O Afrika Korps e as forças italianas avançam em direcção a Marsa-Matruh, obrigando os britânicos a recuar até El Alamein onde estava preparada uma segunda posição defensiva. O recuo das forças britânicas era propositado, visto que a primeira linha defensiva tinha como objectivo ganhar tempo para poder reorganizar a força. Os combates sucedem-se durante três dias, sem uma decisão. Rommel reconhece que não tinha forças suficientes para prosseguir em direcção a Alexandria, a 4 de Julho, resolve parar a sua ofensiva.

A Batalha de Alam El-Halfa (30AGO a 3SET1942)

No dia 30 de Agosto de 1942 Rommel lançou o ataque que seria chamado pelos alemães “ A corrida dos seis dias”. Com a ajuda da artilharia, a infantaria germano-italiana pôde avançar até ser detida pelos campos de minas. Rommel avançou em direcção à crista de Alam-Halfa, situada a sudeste de El Alamein, com o 20º Corpo de Exército à esquerda e o Afrika Korps à direita. Ao amanhecer do dia 31 de Agosto de 1942, as tropas germano-italianas já tinham aberto uma brecha no campo de minas para os blindados poderem avançar.

O ataque estava a ser feito a um ritmo muito lento o que punha em causa o factor surpresa. Mas Rommel não deixava de acreditar que a vitória seria possível e, por isso, avança com as suas forças em direcção à elevação de Alam El-Halfa, onde os britânicos protegiam a sua retaguarda. Alam El-Halfa foi conquistada, mas a falta de combustível e o inferior poder aéreo condenavam a ofensiva ao fracasso. A 3 de Setembro, inicia a retirada sob pressão.

A 2ª Batalha de El Alamein (23OUT1942)

Após a batalha de Alam Halfa as forças germano-italianas adoptaram uma postura defensiva. As causas dessa defesa eram a superioridade numérica do adversário e a escassez de combustível.

Montgomery planeou um ataque a que se deu o nome de “Operação Lightfoot” e que consistia em abrir duas brechas através dos campos de minas do adversário para que a sua infantaria, juntamente com os seus blindados, pudessem passar. No dia 23 de Outubro de 1942 teve início mais um ataque. As tropas britânicas atacavam em toda a frente de combate com muita confiança devido à sua superioridade. A artilharia cobria o avanço das tropas apeadas e rapidamente as divisões atingiram a zona onde se encontravam as primeiras linhas alemãs. O combate foi bastante desgastante, os sinais de esgotamento por parte dos soldados germano-italianos eram bastante evidentes em consequência dos bombardeamentos a que foram submetidos. Montgomery sabia que não poderia o ritmo do ataque, e decide abrandar o ritmo, para restabelecer os níveis de abastecimentos e reorganizar as forças na frente da batalha.

Por outro lado, os reabastecimentos germano-italianos não chegavam ao destino, tendo sido afundado mais um petroleiro ao largo de Tobruk. Esta paragem foi alvo de críticas por parte do Alto Comando, mas seria algo que já estava planeado por parte de Montgomery.

O ataque iniciou-se outra vez por parte dos britânicos, o que deixou as forças germano-italianas sem capacidade de reagir, adoptando uma postura defensiva devido aos fortes bombardeamentos por parte da aviação. Rommel pediu a Hitler para recuar até às posições anteriores mas este pedido não foi aceite. Rommel ordena a retirada, para evitar a destruição das suas forças. Em 13 de Novembro de 1942 continua a recuar sob pressão até Tobruk. Em 23 de Novembro de 1942 os britânicos avançam em direcção a Trípoli e Rommel recua para a Tunísia.

2.4. Os pontos de culminação

O critério para a definição dos pontos de culminação é o da igualdade do PR: o ponto de culminação é alcançado quando, num dado momento e espaço, o potencial relativo (PR) de uma força atinge o valor unitário. O ponto de culminação é ultrapassado quando se passa da igualdade de PR, para uma situação de inversão de PR. (A inversão de PR é simultânea para as duas forças: uma passa de uma situação de superioridade para inferioridade; a outra passa de inferioridade para superioridade).

O primeiro ponto de culminação a assinalar corresponde, naturalmente, à invasão do Egipto pelas forças italianas da Líbia. As forças inglesas, no Egipto, passam de uma superioridade local, para uma inferioridade, retirando do terreno. É um ponto de culminação local.

Os italianos não conseguem manter a ofensiva, atingem o ponto de culminação, e pedem reforços à Alemanha (2º ponto de culminação).

A Alemanha reforça, com o Deutsches Afrikakorps. Partindo de Trípoli, o Afrikakorps correu a costa do norte da Africa, derrotando os ingleses, passando pela Cirenaica, Gazala, Tobruk, em direcção ao Egipto, onde pretendia conquistar os poços de petróleo, recurso estratégico em tempo de guerra. O reforço Alemão permitiu uma inversão do PR (ultrapassando o 2º ponto de culminação), e materializou-se com uma ofensiva contínua, até El Alamein, em Julho de 1942 (3º ponto de culminação).

A logística italiana (responsável pelo abastecimento das tropas), é uma das razões apontadas para o insucesso de Rommel. Do lado dos Aliados, começa a fazer-se sentir a capacidade industrial dos EUA, apoiando as forças inglesas no Egipto. Este apoio americano, a par da reduzida capacidade logística italiana, permitiram inverter, novamente o PR das forças.

Em 30 de Agosto, Rommel desencadeia um novo ataque, a Alam El Halfa, invertendo localmente o PR (4º ponto de culminação).

Rommel retira para El Alamein, onde é derrotado, em 23 de Outubro de 1942. Inicia uma retirada sobre pressão em direcção á Tunísia, sendo “apanhado” entre as forças americanas (desembarcadas em Marrocos) e as forças Inglesas.

2.5. Acções dilatórias dos Pontos de Culminação

Forças germano-italianas

Rommel desenvolve as suas acções partindo de uma inferioridade numérica geral. São referidos os insistentes pedidos de reforços e abastecimentos, que lhe permitiriam manter o potencial e o ímpeto ofensivo. Mas o sucesso destas acções dilatórias elementares era reduzido.

Face a uma reduzida capacidade logística italiana, Rommel procura desenvolver métodos para adiar ou ultrapassar esses pontos de culminação. Cria oficinas móveis e equipas de contacto, para proceder à reparação dos carros de combate, na linha da frente, e adopta extensivamente a canibalização de equipamentos próprios e do inimigo: as tropas germano-italianas operavam com veículos e combustíveis ingleses e os homens vestiam-se com camisas inglesas e calçado australiano.

A chave do sucesso de Rommel consistia em atacar primeiro, com rapidez, sincronizando as acções, obtendo e explorando PRC locais, surpreendendo e desorientando o inimigo.

A presença de Rommel no campo de batalha aumentava o moral das tropas e permitia-lhe um acesso mais rápido à informação do campo de batalha, acelerando o processo de decisão.

Forças britânicas

Churchill soube da notícia da queda de Tobruk no dia seguinte, 21 de Junho de 1942, quando estava numa conferência com o presidente dos Estados Unidos, Roosevelt, na Casa Branca. A notícia era simples, Tobruk capitulou, vinte e cinco mil homens caíram prisioneiros.

A resposta a esta derrota surgiu, com o apoio logístico dos Estados Unidos. Esse apoio logístico seria seguido pelo desembarque americano em Marrocos e na Argélia Francesa, em Novembro de 1942, colocando o Africa Korps entre duas forças..

Este reforço em meios humanos e materiais, permitiu às forças aliadas inverter o PR efectivo sobre Rommel.

São de salientar as visitas de Churchill ao Teatro de Operações, e as mudanças de comando efectuadas, com efeitos na própria postura e predisposição moral das tropas.

Estas mudanças de comando são extremamente violentas: Auchinleck tinha sido nomeado Comandante-Chefe em Janeiro do mesmo ano, sendo exonerado com sete meses de comando. A presença do Primeiro-Ministro Inglês e a publicidade da exoneração pretendia-se pública, para mostrar o empenhamento político na inversão dos acontecimentos.

As tropas voltaram a acreditar que era possível derrotar Rommel e o seu exército mas, ao contrário das tropas germano-italianas, os britânicos sabiam que sempre que precisassem podiam contar o apoio americano, o que tornara o exército mais confiante.

Tal como no Africa Korps, a presença de Montgomery nos campos de treinos e nos campos de batalha, era um factor motivador, e inspirador da mudança.

2.6. Aspectos característicos do ponto de culminação

A análise das campanhas do Africa Korps, para além de ilustrar o conceito de ponto de culminação, permite reunir um conjunto de aspectos característicos, associados ao ponto de culminação. Estes aspectos são evidentes antes, durante e depois da efectivação de um ponto de culminação.

O aspecto mais evidente, que ressalta da leitura das descrições das batalhas, é a alternância do sentido do movimento das forças. As forças percorrem os mesmos caminhos, no espaço entre a Tunísia e o Egipto.

Em termos de meios humanos e materiais, verifica-se que a força cujo potencial se está a degradar tenta obter os recursos em falta. Isto é evidente com Rommel, quando vai a Roma solicitar o apoio logístico necessário. E também é evidente com Churchill, quando, na Casa Branca, solicita o apoio americano para o Norte de Africa.

Outro aspecto evidente é o da optimização de métodos e processos, para adiar o ponto de culminação. Face às limitações da logística italiana, Rommel introduz alterações na logística operacional, procurando retardar a degradação do seu potencial militar.

Ao nível estratégico, é de assinalar o envolvimento dos decisores políticos. Churchill visita duas vezes o Teatro de Operações, exonera os Comandantes, procurando influenciar a acção e os resultados. Do lado alemão, incapaz de reforçar com meios militares, Hitler lança um argumento final, vitória ou morte.

CAPÍTULO III – A OPERAÇÃO “IRAQI FREEDOM”

3.1. O planeamento “revisitado” por Clark

Analisar o planeamento de uma operação desta envergadura seria uma “missão impossível”, pela quantidade e qualidade dos especialistas necessários. Para obviar a esta impossibilidade, socorremo-nos da análise do General Clark.

A primeira questão fundamental prende-se com a interligação entre os objectivos políticos e os objectivos militares decorrentes. A ligação entre os ataques terroristas lançados a 11 de Setembro de 2001, contra o World Trade Center e os objectivos estratégicos já está, de alguma forma, desfeita.

O principal motivo público que levou Bush a invadir o Iraque foi a existência de armas de destruição maciça no Iraque, pelo que, até ao momento, ainda não foi provado, bem como a ligação de Saddam Hussein com grupos terroristas islâmicos.

Há, segundo Clark (2003:41), uma inevitabilidade do conflito, que é evidente na fase de projecção de forças: “ Poderia defender-se que os preparativos militares [no terreno, iniciados em Setembro de 2002] reforçavam os esforços diplomáticos dos Estados Unidos e respaldavam a determinação das Nações Unidas; mas os preparativos pareciam impossibilitar também que se aguardasse pacientemente qualquer solução diplomática”.

O planeamento inicial já existia. Clark (2003:35) refere que “os planos gerais haviam sido elaborados há uma década. E, partindo desta base, deu-se início ao planeamento pormenorizado, em Janeiro de 2002, com a primeira de uma série de reuniões de planeamento entre o General Tommy Franks, que era o comandante no teatro de operações, e o secretário da Defesa, Donald Rumsfeld. O OPLAN 1003 foi objecto de cerca de vinte reformulações.

Clark (2003:114) assinala também erros de avaliação graves, “o planeamento foi limitado pela presunção de que uma invasão norte-americana seria recebida de braços abertos pela maioria dos iraquianos como uma libertação”, e incertezas quanto aos apoios fundamentais à projecção de forças e à execução da operação: Clark (2003:46) refere que “ as maiores incertezas em termos de colocação das forças no terreno estavam relacionadas com o apoio (ou não apoio) de dois aliados: a Turquia e a Arábia Saudita. Estava muita coisa em jogo. O apoio da Turquia permitiria a colocação de forças no leste da Turquia... A utilização de portos sauditas permitiria um maior desembarque diário de forças e abastecimentos e, portanto, proporcionaria mais flexibilidade à força. E a utilização do espaço aéreo saudita facilitaria grandemente as operações aéreas e especiais”.

Na questão da fase pós-conflito, Clark (2003:23) é demolidor: “o êxito da campanha militar, o talento das táticas e das chefias e a coragem dos homens e das mulheres nas fileiras ocultaram erros fundamentais de estratégia. Correram-se riscos desnecessários no que se refere à estrutura da força; houve um planeamento inadequado da fase pós-conflito; e um apelo internacional foi, imprudentemente, negligenciado. Até agora, constitui um exemplo perfeito de subjugação de uma força inimiga sem conseguir garantir a vitória”. A causa da situação actual reside, segundo Clark, na utilização incorrecta do vector militar para tarefas de estabilização e criação de um Estado democrático.

3.2. A ameaça: uma não-organização

É difícil separar a ameaça real contra a qual foram lançadas as primeiras operações (as forças iraquianas), da ameaça que teve como pretexto a invasão do Iraque, a Al-Qaeda.

Para a ameaça real, de natureza militar, a solução era simples, também militar. Clark (2003:36) refere “os responsáveis pelo planeamento consideravam Bagdade o centro de gravidade do inimigo, e a sua ocupação como a chave do êxito. Para o conseguir iriam precisar de derrotar as forças terrestres do inimigo, em especial a Guarda Republicana. Uma vez que essa rede estava altamente centralizada em redor do próprio Saddam, a destruição do regime tornou-se simultaneamente o meio e o fim”.

Na fase pós-conflito, a ameaça torna-se mais difusa, e começa a confundir-se com a Al-Qaeda. Clark (2003:191) refere “a norte e a ocidente de Bagdad, os elementos muçulmanos sunitas do Partido Baas e alguns elementos ligados à Al-Qaeda estavam a travar uma guerra de guerrilha de baixo nível, provocando a morte de vários americanos por semana”.

Sobre a ameaça, Clark (2003:173) refere “considerando as estimativas da existência de 70 000 a 100 000 operacionais treinados pela Al-Qaeda em todo o mundo, os resultados até à data indicam ainda há muito que fazer. O que está em questão é saber se isso foi facilitado pela guerra com o Iraque ou, como parece mais provável, a guerra terá comprometido as actividades antiterroristas e superalimentado o sentimento anti americano no mundo islâmico.

Clark (2003:178) assinala a dinâmica do recrutamento, “Osama Bin Laden e os seus seguidores apenas estavam à espera de um novo ataque norte-americano a outro estado islâmico para fazer subir o entusiasmo popular e recrutar nova vaga de terroristas. Em meados de Agosto de 2003, o Governo saudita comunicou que 3000 cidadãos seus haviam “desaparecido”, aparentemente cruzando a fronteira com o Iraque, atraídos pela oportunidade de combaterem a americanos a curta distância do seu próprio terreno”.

O aspecto fundamental da análise de Clark (2003:132) prende-se claramente, com a natureza de não-organização, da ameaça: “tivemos dificuldades em compreender a motivação destes novos grupos terroristas. Não eram comandados por políticas de Estados através de meios que podiam ser desmentidos, eram em grande parte fundamentalistas que agiam contra as influências e o poder ocidentais, e que recrutavam a maior parte dos seus membros com base na raiva, ignorância e desespero no seio dos regimes árabes moderados que apoiávamos”.

Esta assumpção da sua natureza de não-organização é comungada por Rumsfeld. O Secretário da Defesa, por Clark (2003:142) terá afirmado que “ esta guerra não será necessariamente uma guerra em que estudemos detidamente alvos militares e forças maciças para tomar esses alvos. Em vez disso, a força militar será provavelmente um dos muitos instrumentos usados para deter indivíduos, grupos e países que se dedicam ao terrorismo... O nosso adversário é uma rede mundial de organizações terroristas bem como os Estados que as patrocinam”.

É extremamente difícil, para uma das organizações mais complexas e eficientes do mundo, as Forças Armadas dos EUA, combater uma não-organização, sem chefias claras, sem rostos, sem objectivos, dispersa pelo mundo.

3.3. A Operação “Iraqi Freedom”

Os ataques terroristas lançados a 11 de Setembro de 2001, contra o World Trade Center e o Pentágono marcaram um ponto de viragem para a Administração dos Estados Unidos e para as suas relações com o mundo. Uma ameaça vinda do exterior criava um sentimento de insegurança em todo o país.

Este ataque de 11 de Setembro tinha causado danos gigantescos nos EUA. Não tanto pelos danos económicos, mas pela confortável sensação de segurança que a distância aos focos dos conflitos dava. De um momento para o outro, o americano “normal” sentia a insegurança e o temor típicos de Telavive, ou Jerusalém.

Ossama Bin Laden era o grande protagonista dos ataques. E, segundo a Administração dos EUA, com o apoio de Saddam Hussein.

Figura 3.1 - Mapa Iraque



Fonte: <http://www.lib.utexas.edu/maps/iraq.html>

O relato da operação, que a seguir se apresenta, é baseado na descrição feita pelo General Clark.

Bagdad era o centro de gravidade escolhido pelas forças americanas. Para o atingir com sucesso, definiu-se um plano assente em três pilares principais:

- ataque aéreo dirigido ao sistema de defesa aérea iraquiano, recém adquirido aos franceses e alemães, e aos centros de comando e controlo;
- ataque das forças especiais contra as instalações de lançamento de mísseis balísticos SCUD, a oeste do Iraque;
- ataque rápido das forças terrestres em direcção a Bagdad.

Cada um dos ataques tinha objectivos predefinidos e bastante claros. O ataque aéreo tinha como finalidade a destruição do sistema de comando e controlo e das defesas aéreas, apoiando, as forças terrestres. O ataque das forças especiais tinha como principal missão a redução da mobilidade das tropas iraquianas bem como a recolha de informações. O ataque das forças terrestres visava a destruição do inimigo e a conquista do objectivo.

No início de Setembro de 2002, os Estados Unidos recorrem à ONU para uma nova resolução do Conselho de Segurança, que tem a oposição da França, da Alemanha e da Rússia. Os Estados Unidos pretendiam liderar uma operação militar, sob a égide da ONU, justificada pelas alegadas armas de destruição maciça iraquianas.

Na ausência de uma resolução, os Estados Unidos formam uma coligação e avançam, unilateralmente, gerindo os “tempos de entrada diplomáticos” em função da projecção das forças, para a zona do conflito (Koweit, Arábia Saudita).

No início de Setembro de 2002, a 3ª Divisão de Infantaria norte-americana começa os treinos no deserto. Em Novembro, ainda não se sabia qual a data do ataque nem uma previsão para tal acontecer.

Na sua defesa, Saddam Hussein podia contar com 26 Divisões, constituídas com 2000 carros de combate, 2500 peças de artilharia, cerca de 300 caças e aviões de combate, e 150 Helicópteros de combate. Tinha um total de 400.000 soldados, com um número igual de reservistas e perto de 400.000 fedayin⁴. O seu armamento não tinha sofrido alterações desde a década de 1980⁵, a sua defesa aérea era fraca, o sistema de comando e controlo estava facilmente identificável, os mísseis eram inadequados em termos de velocidade e de alcance. Todos os aeroportos que rodeavam o Iraque permitiam o acesso norte-americano às suas bases.

O ataque aéreo iria ser feito pelos bombardeiros B-2⁶ "Spirit", com capacidade para transportar até 16 Joint Direct Attack Munitions (JDAM), utilizadas em quaisquer condições atmosféricas e guiadas por satélite. Também foram criados Sistemas de Radar de Vigilância Conjunta e Aquisição de Alvos. As tecnologias de vigilância aérea e aeroespacial, com o apoio das missões militares dos Space Shuttles, tinham sido melhoradas. Quanto às forças terrestres, também possuíam um grande avanço no seu material. Foram feitas inovações ao nível dos equipamentos de visão nocturna, às comunicações, aos veículos terrestres e treinos intensivos de fogo real.

A II Guerra do Iraque inicia-se a 20 de Março de 2003 e opôs os Estados Unidos da América (EUA) juntamente com outras nações (Itália, Espanha, Reino Unido, Inglaterra, Austrália, Polónia) ao Iraque.

A II Guerra do Iraque teve a duração de 19 dias. No dia 20 de Março forças da coligação liderada pelos EUA invadem o Iraque a partir do Kuwait depois de uma série de ataques aéreos com mísseis de cruzeiro *Tomahawk*⁷; no dia 22 ocupam Nasiriya; no dia 25 conquistam Karbala e em 9 de Abril de 2003, ocupam Bagdad; a 1 de Maio o presidente George W. Bush declarou o fim das operações militares.

O presidente Bush tomou a decisão de atacar o Iraque no dia 17 de Março de 2003 e lançou um ultimato com um prazo de 48 horas. O objectivo estratégico consistia em

⁴ O Iraque possui vários grupos paramilitares. O principal grupo paramilitar do Iraque é o Fedayin. Este grupo foi fundado em 1995 pelo filho mais velho de Saddam, Uday. Era composto por homens recrutados em sectores leais ao dirigente iraquiano.

⁵ O equipamento era o remanescente da 1ª Guerra do Iraque, com o reforço de alguns sistemas de defesa aérea franceses e alemães, adquiridos no período entre as duas guerras.

⁶ Avião bombardeiro estratégico invisível ao radar.

⁷ O BGM-109 Tomahawk, também conhecido como Tomahawk Land Attack Missile (TLAM - Míssil Tomahawk de Ataque à Superfície) é um míssil cruzeiro de longo alcance, subsónico. Foi introduzido pela General Dynamics na década de 1970, tendo sido inicialmente concebido como um míssil de médio-longo alcance, de baixa altitude, que pudesse ser lançado a partir de um submarino submerso.

estabelecer um Estado Iraquiano, democrático, próspero e pacífico. O primeiro passo para alcançar esse objectivo era remover Saddam Hussein do poder.

A operação estava a ser ultimada. A imposição de um prazo por parte dos EUA a Saddam Hussein deixava as forças no terreno surpresas. O efectivo com que se pretendia iniciar o ataque não estava no terreno, devido à Turquia ter recusado deixar aterrar a 4ª Divisão no seu território, contudo, o ataque realizou-se com as forças que estavam no terreno. Foi assim, que na noite de 19 para 20 de Março as Forças especiais entraram no terreno. Na madrugada de 20 de Março inicia-se a Operação Liberdade Iraquiana.

A estratégia militar para esta operação foi baseada no novo conceito de Rapid Decisive Operations (Operações Rápidas e Decisivas). A guerra do Iraque é uma guerra feita com uma superioridade tecnológica, no domínio aéreo, no controlo da informação no campo de batalha e no emprego do poder de fogo por parte dos EUA.

O comando das forças no terreno pertencia ao General Tommy Franks. No dia 22 de Março, o General Tommy Franks, afirmou que o plano de operações consistia em introduzir forças na periferia e dentro do Iraque de uma forma simultânea e sequencial.

A operação terrestre articulou-se segundo dois eixos principais, o eixo a oeste seria a zona de acção da 3ª Divisão Mecanizada dos EUA, e o eixo leste era percorrido pela 1ª Força Expedicionária do Corpo de Fuzileiros dos EUA e pelas unidades britânicas (1ª Divisão Blindada, 7ª Brigada Blindada e Fuzileiros Reais). A manobra baseava-se em quatro esforços sucessivos: um principal em direcção a Bagdad, dois secundários em direcção aos poços petrolíferos de Mosul e Kirkuk e um complementar em direcção ao nó de comunicações de Alkamadi.

A manobra terrestre fez-se a partir de três posições de partida: a principal no Kuwait a sul, o território Curdo a norte onde se efectuou o secundário, e o complementar nos aeródromos da zona de Ar Rubath a oeste.

O principal, com cerca de 550 km de extensão, efectuou-se em três fases:

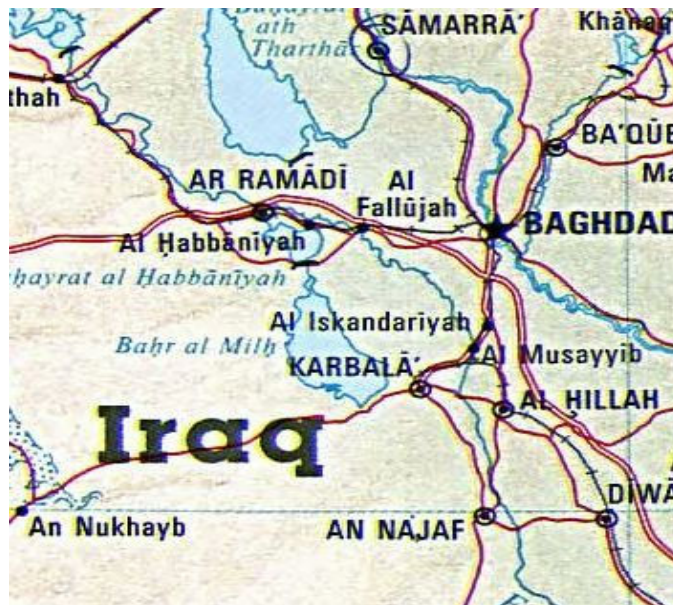
1ª Fase – com uma acção em Nasirya, a cargo da 3ª Divisão de Infantaria Mecanizada americana;

2ª Fase – com duas acções, uma até Najaf e depois até Karbala, a cargo da 3ª Divisão, e a outra até Alkut a cargo da 1ª Divisão de Marines dos EUA.

3ª Fase – com duas acções até Bagdad, uma com partida de Karbala realizada pela 101ª Divisão Aerotransportada americana; outra desde Alkut com a 1ª Divisão de Marines.

O esforço secundário, com cerca de 100 km de extensão, foi realizado com uma unidade de escalão Divisão (VII Brigada apeada e a III Brigada de Infantaria Real de Fuzileiros) alcançando assim Basra e UmQasr.

Figura 3.2 Najaf - Bagdad



Fonte: <http://www.lib.utexas.edu/maps/iraq.html>

Ao cair da noite do dia 23 de Março, a terceira Divisão de Infantaria já tinha ultrapassado a cidade de Najaf, estando a menos de 200 km da capital.

Este avanço rápido deixa as linhas de comunicação dos EUA temporariamente expostas. As consequências desta acção reflectiram-se quando as fedayeen e outras forças de segurança no Iraque começaram a atacar os comboios de abastecimento.

Os comandantes das forças abrandaram o ritmo da operação a fim de permitir às suas forças o reagrupamento, reabastecimento e o descanso das mesmas. Ao longo da progressão a 101ª Divisão Aerotransportada, que inicialmente teve como missão conduzir o esforço em direcção a Bagdad, foi usada durante o deslocamento para garantir a segurança e a posse do terreno nas cidades de Najaf, Hillah e Karbala. A Marinha, Força Aérea e a Aviação da Marinha, juntamente com a Artilharia atacavam as divisões da Guarda Republicana que se encontravam entrincheiradas a sul de Bagdad, para que as forças terrestres pudessem avançar contra um menor potencial de combate. Na manhã do dia 1 de Abril, o Exército e os Marines começaram a sua investida final a Bagdad. Mas as forças Iraquianas não ofereceram grande resistência. No dia 3 de Abril, a 3ª Divisão de Infantaria, ocuparam e controlaram o aeroporto internacional na periferia da capital. No dia 7 de Abril a 2ª Brigada assegurou três pontos-chave nomeadamente cruzamentos de auto-estradas em direcção a Bagdad, designados por Objectivos Larry, Curly e Moe. O esforço final foi efectuado com a 3ª Divisão de Infantaria atacando de oeste e a 1ª Divisão de Marines a este. No dia 9 de Abril a estátua de Saddam cai no centro de Bagdad marcando o fim do regime. A norte as operações ainda continuavam com a infantaria ligeira da 173ª Brigada

Aerotransportada e algumas forças especiais, tomando assim o controlo das cidades chave Mosul e Kirkuk.

A ocupação total do Iraque deu-se a 14 de Abril quando os Marines conquistaram a cidade natal de Saddam, Tikrit.

3.4. A gestão do pós-conflito

A gestão do pós-conflito não tem tido sucesso, e as causas decorrem fundamentalmente das falhas anteriores, no processo de planeamento pós-conflito. Clark (2003: 190) refere que “as asneiras políticas agravaram os erros. O desmantelamento do exército iraquiano, que efectivamente atirou 400 000 homens irados e armados para o desemprego, deve figurar entre uma das medidas menos eficazes nas operações de manutenção de paz.”

A questão do efeito das baixas, na opinião pública, também referida por Clark (2003:185) refere que “as baixas fizeram sempre aumentar as pressões para retirar. O apoio às nossas operações no Vietname acabou por soçobrar no problema das baixas norte-americanas. E, segundo parecia, quanto melhores as comunicações e mais profunda a cobertura mediática, maior a sensibilidade”

A gestão do pós-conflito vai ser seguidamente caracterizada de uma forma pouco clássica, através da apresentação de alguns dos casos mais mediatizados, retirados da imprensa.

Caso Jessica (23MAR2003)

Jessica foi presa pelos iraquianos, a 23 de Março de 2003, numa missão de apoio logístico à linha da frente, composta por 18 veículos. A operação de resgate ocorreu em Nassiriah, e foi executada por uma brigada de comandos americanos, comandada por um oficial de graduação equivalente a brigadeiro General. A América suspirou de alívio.

Hospitais em Bagdad (09ABR2003)

Os feridos da guerra do Iraque são transportados para os hospitais públicos da cidade de Bagdad. Devido à grande quantidade de feridos, os hospitais começam a ter graves problemas, são afectados por uma grave crise de escassez de material e atingem o limite das suas capacidades a nível material e humano. Também os sucessivos cortes de energia causam graves problemas para o funcionamento dos aparelhos eléctricos. A Organização Mundial e Saúde (OMS) dispõe de grandes quantidades de material na

Jordânia e necessita do seu envio. A água potável também se torna um problema grave, devido aos cortes de energia que impedem o funcionamento das estações de purificação. Muitos dos hospitais também já não possuíam água devido ao bombardeamento da estação de fornecimento de água. A ONU considerava crítica a situação nos hospitais de Bagdad.

Reféns Coreanos e Japoneses (08ABR2004)

Num deslocamento efectuado da Jordânia para Bagdad, sete coreanos foram feitos reféns por um grupo rebelde iraquiano. Também foram sequestrados três cidadãos Japoneses (dois Jornalistas e um elemento de uma ONG). Um porta-voz do governo japonês referiu que se tratava de um acto de violência contra civis inocentes e pediu a sua libertação. Há informações que assinalam o pagamento de um resgate, pelos japoneses. Os coreanos foram executados.

Rumsfeld visita o Iraque (13MAI2004)

A 13MAI2004 Rumsfeld visita o Iraque. Em causa está os abusos cometidos pelos soldados americanos contra prisioneiros iraquianos.

Soldados Americano insatisfeitos (07DEC2004)

Os soldados americanos no Iraque estão insatisfeitos. O Exército americano diz que a decisão de prorrogar missões é vital para garantir que as forças no terreno tenham familiaridade com o ambiente perigoso que contactam. O Pentágono afirma que este é um procedimento normal em tempo de guerra, é parte das condições de alistamento e também foi adoptado durante a Guerra do Golfo, em 1991. Em meados de Janeiro de 2005, as forças dos Estados Unidos no Iraque deverão ganhar um reforço de 12.000 militares. Assim, o efectivo geral vai chegar a 150.000 militares.

Rumsfeld visita o Iraque (12ABR2005)

O secretário de Defesa dos EUA, Donald Rumsfeld, efectuou uma visita surpresa ao Iraque em 12ABR2005. A visita ocorre um dia depois do sequestro de um cidadão americano na região de Bagdad.

Rumsfeld visita o Iraque (09DEC2006)

Em 09DEC2006 Donald Rumsfeld efectuou uma visita ao Iraque a fim de se despedir das tropas americanas poucos dias antes de abandonar o seu cargo. Rumsfeld, após seis anos à frente da Defesa americana, vai ser substituído por Robert Gates em 18 de Dezembro de 2006.

Comandantes do Exército dos EUA assumem erros (11FEV2007)

Os Comandantes do Exército dos EUA assumiram os erros cometidos durante os primeiros meses da Guerra do Iraque que teriam prejudicado o sucesso da operação como o envio de um número insuficiente de tropas e a mudança de comando das forças, que retardou as acções militares.

Hospital Militar Americano (04MAR2007)

O centro hospital militar Walter Reed, em Washington, que recebe os feridos em combate vindos do Iraque e do Afeganistão foi investigado a nível das suas condições de funcionamento. Constatou-se que estava bastante deteriorado a nível das condições de acolhimento e das condições sanitárias.

Entre as situações mais graves denunciadas contam-se semanas ou meses de espera para consulta de doentes em estado grave, desaparecimento de dossiers clínicos, atrasos na regularização da situação do estatuto dos militares após tratamento e consequentes demoras no pagamento de pensões ou indemnizações, além de um ou outro caso de negligência nas relações entre o pessoal hospitalar e os internados.

Prisões de Bagdad (04SET2007)

As repetidas denúncias dos combatentes e civis iraquianos sobre torturas e maus tratos infligidas pelas tropas de ocupação no Iraque foram confirmadas com a apresentação de filmes realizados pelos próprios soldados americanos responsáveis pela guarda dos prisioneiros na prisão de Abu Ghraib, o que dá credibilidade aos demais relatos de atrocidades cometidas pelas tropas de ocupação.

Figura 3.3 Abu Graib



Fonte: <http://upload.wikimedia.org>

David Petraeus diz que não são precisos reforços imediatos (08MAR2007)

O General David Petraeus disse que não havia uma necessidade imediata de pedir um reforço de tropas para o Iraque. "Não há solução militar para um problema como o do Iraque", afirmou, na sua primeira conferência de imprensa desde que assumiu o cargo, no passado mês de Fevereiro.

Segundo Petraeus, o reforço de tropas americanas não vai influenciar a violência no Iraque, visto que esta violência tem de ser resolvida através da reconciliação das facções religiosas.

Líder da ONU no Iraque (22MAR2007)

Ban Ki-moon, secretário-geral da ONU, chegou no dia 22 de Março a Bagdad para uma visita surpresa, sendo recebido no aeroporto pelo primeiro-ministro iraquiano, Nouri al Maliki, sendo esta a sua primeira visita.

Pouco depois, quando o dirigente da ONU discursava na sua conferência de imprensa em Bagdad, uma forte explosão, a cerca de cinquenta metros do local, ocorreu do jardim da residência oficial de Al-Maliki, a área mais protegida da capital iraquiana, onde estão localizados a maioria dos edifícios diplomáticos e as instalações militares americanas. O secretário-geral da ONU esteve reunido com o líder do governo iraquiano e declarou que

estavam reunidas as condições para reforçar a presença da ONU no Iraque. Kofi Annan, tinha retirado os membros das Nações Unidas depois do atentado que causou a morte de Sérgio Viera de Mello, em Agosto de 2003.

Militares Britânicos em Chat-el-Arab (31MAR2007)

Os militares britânicos feitos prisioneiros em Chat-el-Arab só serão libertados depois do governo britânico assumir que os militares estavam a navegar nas águas territoriais da República Islâmica. As fotografias tiradas pelos militares denunciam a posição onde estes se encontravam. Contudo, o Irão também violou as regras internacionais, mostrando imagens dos prisioneiros de guerra, onde obrigavam uma mulher a vestir o véu islâmico para ser fotografada.

Congresso Americano veta o orçamento militar (01MAI2007)

O presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, vetou na terça-feira (1 de Maio de 2007) o projecto de lei que impunha um prazo para a retirada das tropas norte-americanas do Iraque.

O Congresso Americano aprovou definitivamente um projecto de lei que prevê a retirada militar do Iraque a partir do dia 1 de Outubro, estando concluída em Abril de 2008, e o projecto de financiamento da guerra no Iraque. O presidente George W. Bush veta o projecto de lei aprovado, o que representa o maior confronto entre Bush e os seus adversários democratas. Bush disse que “marcar uma data para o fim do conflito era marcar uma data para o fracasso”. Os Estados Unidos mantêm atualmente 146.000 militares no Iraque. O congresso norte-americano pode anular o veto de Bush e aprovar as leis, no entanto, são necessários mais de dois terços dos votos, o que não acontece por parte dos democratas dado que nem todos têm esse poder de voto. Assim, prevalece a vontade de Bush, o orçamento para manter os soldados no Iraque será sancionado e o prazo para a retirada das tropas será vetado.

Bush visita o Iraque (03SET2007)

Em 3 de Setembro de 2007, o Presidente dos EUA, George W. Bush, realizou uma visita surpresa ao Iraque. A sua visita mostra a enorme preocupação em reforçar o seu contingente. O presidente é acompanhado pela secretária de Estado, Condoleezza Rice e o secretário de Defesa, Robert Gates.

Condoleezza Rice visita Bagdad (18DEC2007)

Condoleezza Rice realizou uma visita surpresa ao Iraque, e afirmou que o futuro das tropas americanas no Iraque está prestes a chegar a um acordo. Segundo Rice "Estamos muito, muito perto de um acordo sobre o estatuto do futuro das tropas americanas no Iraque".

Este plano encaixa com a proposta apresentada pelo candidato democrata à Casa Branca, Barack Obama, que quer as tropas americanas fora do Iraque até meados de 2010. A Administração do Presidente George W. Bush e do candidato republicano John McCain afirmam que uma redução das tropas é possível, mas evitam comprometer-se com um prazo de retirada. O mandato da força multinacional no Iraque, em acção graças ao capítulo VII da Carta da ONU - datado de 2003 – termina oficialmente no dia 31 de Dezembro de 2008.

Senado americano aprova fundo de 70 biliões de dólares para guerras (19DEC2007)

O Senado dos Estados Unidos aprovou em 19 Dezembro de 2007 um orçamento de meio trilião de dólares para 2008 que inclui um fundo de 70 biliões de dólares para as guerras do Iraque e do Afeganistão, o que representa uma grande vitória para o presidente George W. Bush.

O orçamento que foi aprovado não continha nenhuma informação da data de retirada de tropas do Iraque.

Falta de blindagem nos Hummers (28FEV2008)

No dia 28 de Fevereiro de 2008, um relatório realizado por um ex-militar dos U.S. Marines afirma que houve atrasos na colocação das viaturas MRAP 1 e MRAP 2 no teatro de operações. Em consequência, os militares foram obrigados a utilizar os jeeps Hummer com uma blindagem inadequada, causando assim a morte a vários soldados. Os pedidos efectuados pelos militares foram recusados, afirmando que havia outras prioridades que não essa. Estes veículos tinham blindagem especial para resistir aos engenhos explosivos que detonavam à passagem dos veículos americanos.

Mudança de comandos (23ABR2008)

O secretário de Defesa, Robert Gates, recomendou mudanças no alto comando militar dos Estados Unidos no Iraque. O almirante William Fallon vai substituir o General

John Abizaid como chefe do Comando Central para o Iraque e Afeganistão. O General David Petraeus foi indicado para substituir o General George Casey no comando das operações iraquianas. A próxima mudança esperada no governo americano é a do embaixador americano no Iraque, Zalmay Khalilzad, como embaixador dos Estados Unidos na ONU, em substituição de John Bolton. A esperada mudança de estratégia ocorre depois da derrota do partido Republicano, de Bush, nas eleições parlamentares de Novembro e de críticas feitas pelo Grupo de Estudos do Iraque, uma comissão bipartidária que disse que a guerra americana não está a obter resultados positivos.

O General David Petraeus foi nomeado o chefe do Comando Central Militar Americano (CENTCOM). É responsável pelas operações americanas no médio oriente, incluindo Iraque e Afeganistão. O novo comandante substitui o General George Cassey, que passará a ser o chefe do gabinete militar dos EUA.

Visita de Barack Obama (21JUL2008)

O candidato democrata à Casa Branca está de visita ao Iraque. Barack Obama reuniu-se com as tropas americanas e reforçou a sua intenção de retirar todos os soldados do Iraque em 16 meses, caso seja eleito. A visita realiza-se numa altura em que o nível de violência no Iraque se encontra no seu ponto mais baixo desde o início do ano de 2003, ano que marcou o início da intervenção norte-americana e que contou na altura com a oposição do senador. Obama já tinha estado no Iraque numa breve visita em Janeiro de 2006.

3.5. Ponto de culminação ou pontos de culminação

A fase puramente militar da operação foi um sucesso, incontestável, demonstrativo da supremacia militar dos estados Unidos. Mas a fase seguinte, pós-conflito, está longe de estar resolvida, ou com um fim à vista.

Há um problema de desadequação da força militar à missão, como refere Clark (2003:188) “apesar de todas as provas que apontavam para a inadequação do Exército para uma longa permanência no terreno, num país estrangeiro, não haviam sido fornecidos recursos adicionais para preparar uma campanha de retirada do Iraque”. Assumindo esta premissa, estamos perante um ponto de culminação da estratégia global dos Estados Unidos, formalizado pela incapacidade de, apelando às outras estratégias gerais, resolver a situação no Iraque.

Quanto à estratégia geral militar, os “aspectos característicos” da culminação, retirados da análise das campanhas de Rommel, estão no essencial, presentes:

-
- a mudança nos comandos, desde o Secretário da Defesa aos comandantes militares;
 - as visitas do nível político (Bush, Condoleeza Rice, Rumsfeld) ao teatro de operações;
 - os pedidos de reforços, e a admissão da insuficiência dos meios humanos, sublinhada por Clark.

Este último aspecto revela as fragilidades de um Exército constituído por voluntários, profissionais. Clark (2003:185, 186) refere que “no Verão de 2003, os soldados destacados no Iraque, cerca de 140 000 , mais cerca de 15 000 internacionais, eram uma força pequena em termos das normas recentes das forças de manutenção de paz. ... Pior, a força americana não podia ser alvo de uma rotação para reequipamento, novos treinos e recuperação, numa situação de “estado estacionário”. O Exército estava empenhado. No seu ponto mais alto, a força no Iraque constituía mais de metade das forças que o Exército podia colocar no terreno”.

O apelo aos reservistas, da Guarda Nacional Americana, revela-se problemático, segundo Clark (2003:185) “a mera acção de recrutar e manter soldados suficientes é provavelmente problemática. E complementar a força com mais de 100 000 reservistas voluntários convocados para o serviço activo ia aumentar as pressões para acabarem o que estavam a fazer no estrangeiro e regressarem tão depressa quanto possível”.

Dos “aspectos característicos” da culminação, retirados da análise das campanhas de Rommel, assinala-se a ausência dos movimentos alternados das forças, tão característicos no Norte de Africa. Apresentam-se duas possíveis razões. Uma, quanto ao domínio das acções: Rommel e as forças aliadas correspondiam a duas forças militares, convencionais, operando num “domínio militar”; as operações no Iraque correspondem a uma força convencional, organizada, contra uma força irregular, não-organização, em domínios da acção distintos. A segunda razão prende-se com a própria área de actuação das forças, em combate urbano.

O caminho futuro, solução para a culminação, também é apontado por Clark (2003:187, 188) “caso não houvesse uma redução rápida das necessidades da ocupação daquele país, ou uma convocatória geral de forças de reserva, poderíamos perder o grosso do Exército, não por acção do fogo inimigo, mas sim do excesso de empenhamento e da falta de recursos, dado que os seus soldados e oficiais decidiam pura e simplesmente sair.”

Esta solução para a “culminação” da estratégia geral militar será possível, segundo Clark (2003:192): “os Estados Unidos podiam recuar na sua resistência a uma presença

das nações Unidas, obter uma nova resolução da ONU e internacionalizar o problema, permitindo que os Estados Unidos reduzissem metade ou até mais das suas forças, num prazo de tempo muito curto.”

Isto não significa o êxito na estratégia global contra o terrorismo. Clark (2003:210) propõe “a estratégia na guerra contra o terrorismo precisava de ser reorientada para se focar mais nos próprios terroristas e menos nos Estados patrocinadores. A estratégia precisaria de se centrar mais em combater as causas profundas do terrorismo islâmico: a ideologia wahhabita extremista e o financiamento da Arábia Saudita; a sociedade empobrecida, classista e corrupta do Paquistão e as suas madrassas e a enorme ligação aos Palestinos”.

CONCLUSÕES

O conceito expresso no RC 130 (2005:B-8), “o ponto de culminação na ofensiva representa o tempo e o espaço no qual o potencial de combate eficaz já não excede o potencial do defensor ou o ímpeto, o ataque não pode ser mantido, ou ambos. Para além do ponto de culminação, o atacante arrisca um contra-ataque do inimigo e a consequente derrota” apresenta-se mais claro, com a ilustração feita das campanhas de Rommel.

O conceito alternativo proposto é adequado para explicar as campanhas de Rommel, num domínio unidimensional, puramente militar: o ponto de culminação é alcançado quando, num dado momento e espaço, o potencial relativo (PR) de uma força atinge o valor unitário.

Mas revela alguma desadaptação quando se procura analisar o conflito do Iraque, claramente multi-dimensional. Neste caso, as expressões “o ataque não pode ser mantido” e “o atacante arrisca-se à derrota” são mais esclarecedoras. O conceito da igualdade de PR poderia ser utilizado, mas obrigaria à utilização de factores de conversão adaptados às novas dimensões do “combate”, incluindo a opinião pública e o papel dos *mass-media*.

A análise das campanhas do Africa Korps, para além de ilustrar o conceito de ponto de culminação, permite reunir um conjunto de aspectos característicos, associados ao ponto de culminação, designadamente a alternância do sentido do movimento das forças, o apelo aos recursos em falta, e a mudança de métodos e processos. É também de assinalar o envolvimento dos decisores políticos, com visitas ao teatro de operações e mudanças na cadeia de comando.

A análise da Operação Iraqui Freedom permite uma conclusão incontestável: a fase puramente militar da operação foi um sucesso, demonstrativo da supremacia militar dos Estados Unidos. Mas a fase seguinte, pós-conflito, veio revelar as fragilidades do processo de planeamento, iniciado no fim da 1ª guerra do Iraque.

Há um problema de desadequação da força militar à missão, como refere Clark (2003:188) “apesar de todas as provas que apontavam para a inadequação do Exército para uma longa permanência no terreno, num país estrangeiro, não haviam sido fornecidos recursos adicionais para preparar uma campanha de retirada do Iraque”.

Estamos perante um ponto de culminação da estratégia global dos Estados Unidos, formalizado pela incapacidade de, apelando às outras estratégias gerais, resolver a situação no Iraque.

Quanto à estratégia geral militar, os “aspectos característicos” da culminação, retirados da análise das campanhas de Rommel, estão todos presentes, desde a mudança nos comandos (do Secretário da Defesa aos comandantes militares), as visitas do nível

político (Bush, Condoleeza Rice, Rumsfeld) ao teatro de operações, os pedidos de reforços, e a admissão da insuficiência dos meios humanos.

Dos “aspectos característicos” do modelo teórico da culminação, assinala-se a ausência dos movimentos alternados das forças, que reflectem a natureza das forças em conflito (uma organização convencional, contra uma não-organização, irregular), e os diferentes domínios das acções.

A solução para esta “culminação” da estratégia global é possível, segundo Clark (2003:192): “os Estados Unidos podiam recuar na sua resistência a uma presença das nações Unidas, obter uma nova resolução da ONU e internacionalizar o problema, permitindo que os Estados Unidos reduzissem metade ou até mais das suas forças, num prazo de tempo muito curto.” Esta solução significará um maior envolvimento da ONU e, eventualmente, um papel de relevo para a União Europeia.

Julgamos que as questões de partida para este estudo se encontram respondidas: há um ponto de culminação, único, de nível estratégico, que tem como causa próxima o deficiente planeamento do pós-conflito.

O ponto de culminação é próprio, não é imposto pelo opositor, ao contrário das campanhas de Rommel. A oposição, sem uma direcção própria, justifica plenamente a sua classificação de não-organização. A exploração dos pontos de culminação, pelo opositor não é feita, exactamente porque lhe falta a direcção.

Eventualmente, a exploração deste ponto de culminação estará a ser feito pela Europa Continental (Alemanha, França, Rússia ?), dando outro alcance à alusão de Clark (2003:204), quando refere que “estava a surgir... uma constelação de interesses, mais subtil e mais ou menos informal, entre diversos Estados, que incluía tanto aliados como antigos adversários, para frustrar e complicar as políticas e objectivos norte-americanos”.

BIBLIOGRAFIA

Chomsky, Noam. (2003). *Iraque, Assalto ao Médio Oriente*. 1ª Edição. Lisboa. Editores Refractários.

Tzu, Sun. (1974). *A Arte da Guerra*. Lisboa. Editorial Futura.

Abreu, Francisco. (2000). *Estratégia- O Grande Debate: Sun Tzu e Clausewitz*. 1º Edição. Lisboa. Esfera do Caos Editores Lda.

Baião, Humberto. (2005). *A Guerra no Iraque – A experiência inesquecível de um voluntário de paz na tomada de Bagdad*. Évora. Nossfuturo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

A.M. (1998). *Táctica Geral e Operações Militares I*, Academia Militar.

Bertin, Claude, e Krieg, E. (1995). A ocupação do Egípto, El Alamein dobra Rommel. In: Bertin, Claude, e Krieg, E. (Ed.). *Grande Crónica da Segunda Guerra Mundial*. Madrid, Ediclube-Edição e Promoção do livro, Lda, pp.961-1111.

Bertin, Claude, e Krieg, E. (1995). O final em África. In: Bertin, Claude, e Krieg, E. (Ed.). *Grande Crónica da Segunda Guerra Mundial*. Madrid, Ediclube-Edição e Promoção do livro, Lda, pp.1537-1557.

Clark, Wesley. K. (2004). *Vencer as guerras modernas. Iraque, Terrorismo e o Império Americano*. 1ª Edição. Lisboa, Temas e Debates.

COUTO, Abel Cabral, (1988). *Elementos de Estratégia Vol. I e Vol. II*. Lisboa. T. Nova esperança, Lda.,

Department of the army. (2006). *COUNTERINSURGENCY, FM 3-24*. Washington DC.

Department of the Army. (2008). *FM 3-0 – Operations*. Washington DC.

Department of defence. (2008). *Joint Operation 3-0-Doctrine for Planning*.

Ministério da Defesa Nacional, (2005). *Regulamento de Campanha e Operações*. Lisboa.

NATO. (2002). *Allied Joint Doctrine 01(B)*.

NATO. (2004). *APP-6A*.

NATO.(2005)Regulamento de Campanha e Operações

Pereira, Alexandre e Poupa, Carlos. (2006). *Como escrever uma tese, monografia ou livro científico usando o word*. 3ª Edição. Lisboa, Edições Sílabo, Lda.

Endereços electrónicos:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u355839.shtml>

<http://www.whitehouse.gov>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Iraq-War-Map.png>

<http://geocities.com>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra do Iraque](http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_do_Iraque)

<http://edition.cnn.com>

<http://tropasdeelite.cjb.net/>

<http://www.areamilitar.net>

<http://movv.org>

<http://www.revistamilitar.pt>

<http://usacac.army.mil/cac2/>

<http://www.mnf-iraq.com/>

<http://www.lib.utexas.edu/maps/>

<http://ultimahora.publico.clix.pt>

<http://revistaepoca.globo.com>

<http://www.globalsecurity.org>

ANEXOS

Anexo A – DEFINIÇÕES

Batalha – A batalha consiste numa série de combates que tem uma duração superior e envolve mais forças que um empenhamento. (FM 3-0). As batalhas podem afectar o curso de uma campanha ou operação de grande envergadura. Ocorrem quando uma divisão, corpo ou exército combatem para atingir um ou mais objectivos significativos para a campanha.

Campanha – Uma série de operações militares, planeadas e conduzidas para atingir um objectivo estratégico numa determinada área, tempo, que normalmente envolve forças terrestres, navais e aéreas.

Conquistar – É uma tarefa táctica destinada a limpar, ocupar e controlar uma dada área. Uma vez conquistado o objectivo, a força tem de limpar o terreno pela destruição, captura ou forçar o inimigo a retirar. O inimigo não pode ter a capacidade de executar fogos directos sobre essa área. Difere da tarefa táctica ocupar porque a força conduz sempre uma acção ofensiva.

Controlar – É tarefa táctica que requer que um comandante mantenha uma influência física sobre uma determinada área para evitar que seja utilizada pelo inimigo ou cria condições para ser utilizada por forças amigas. O controlo não implica a limpeza da área de forças inimigas podendo ser cumprida com a possibilidade de executar fogos sobre essa área. Esta tarefa táctica difere da tarefa táctica SEGURAR porque esta não permite a execução de fogos sobre a área. (FM 3-90)

Desorganizar – É uma tarefa táctica na qual o comandante integra fogos directos, indirectos e obstáculos para afectar dispositivo, ímpeto ou sincronização de um ataque inimigo, modo a que este empregue prematuramente forças e seja batido por partes. Pode envolver um ataque a uma zona de reunião ou sobre uma força em deslocamento administrativo antes de adoptar a formação de combate. (FM 3-90)

Destruir – Tarefa táctica que significa que uma unidade inimiga se torna ineficiente em combate até que seja reconstituída. O dano necessário para tornar uma unidade destruída depende o seu tipo, disciplina e moral. (FM 3-90)

Deter – É uma tarefa tática que nega ao inimigo o acesso a determinada área, impedindo o seu avanço num eixo de aproximação. Normalmente esta tarefa tática requer a atribuição de um determinado tempo. (FM 3-90)

Objectivo – É uma localização no terreno utilizada para orientar e fasear operações, facilitar mudanças de direcção e garantir unidade de esforços. Um objectivo pode representar terreno ou força inimiga. (FM 3-90)

Operação – A acção militar necessária para o cumprimento de uma missão estratégica, tática, de serviços, de treino ou administrativa; o processo para atingir os objectivos para cada batalha ou campanha em combate, incluindo movimentos, reabastecimentos, manobras de ataque e defesa (AAP-6). Inclui o planeamento, preparação, execução e avaliação para atingir os objectivos de qualquer empenhamento, batalha, operação de grande envergadura ou campanha. (FM 3-90)

Planeamento – Planeamento é o processo pelo qual o comandante visualiza o resultado desejado, expressa as modalidades mais eficazes para o atingir, e comunica aos seus subordinados a sua visão, intenção, e decisão, para atingir o resultado esperado. (FM 3-0)

Potencial de combate – O potencial de combate é o valor resultante da combinação dos meios materiais com a força moral de uma unidade. Este valor é sempre referido a uma unidade de base.

Ponto Decisivo - Local, acontecimento crítico, ou sistema que permite a um comandante uma significativa vantagem sobre o inimigo e influencia decisivamente o resultado de uma operação. Um ponto, a partir do qual um centro de gravidade pode ser ameaçado. Este ponto pode ter relação com o tempo, espaço ou ambiente de informação. (FM 3-0)

Teatro de Guerra – O teatro de guerra é o espaço aéreo, terrestre ou marítimo que está ou pode vir a estar directamente envolvido na conduta da guerra.

Teatro de Operações – O teatro de operações é a parte do teatro de guerra necessária à condução ou apoio das operações de combate.

Míssil balístico - É um míssil que segue uma trajectória pré-determinada, que não pode ser significativamente alterada após o míssil consumir todo o seu combustível.

Anexo B - EXEMPLO DA MATRIZ DE ANÁLISE DO PRC

Factores Básicos do Potencial de combate		In		NT		Favorece	
		Pontos Fortes	Pontos Fracos	Pontos Fortes	Pontos Fracos	In	NT
Unidades de Manobra		Infantaria com numerosas AACar	Fraca manutenção do material, falta de mobilidade entre PComb	Grande poder de fogo e protecção dos CC.			X
Unidades de Apoio de Fogos			Limitada capacidade de fogos de morteiros	Un de AC bem equipadas.			X
Situação Aérea				Supremacia aérea			X
Situação NBCR		Dispõe de armas químicas sem restrições éticas para a sua utilização			Limitações na utilização das capacidades nucleares e químicas	X	
Factores Influenciadores do Potencial de Combate		In		NT		Favorece	
		Pontos Fortes	Pontos Fracos	Pontos Fortes	Pontos Fracos	In	NT
Características da AOp	Terreno	Boas posições defensivas			Campos de tiro reduzidos	X	
	Clima e Condições Meteorológicas		fardamento desadequado às baixas temp.				X
	Considerações de Natureza Civil	Dissimulação entre a população		População hostil, considerados invasores.		X	
Comando e Controlo			Sistemas não seguros e obsoletos	Bons sistemas de comunicações			X
Vulnerabilidade e Risco			Reab. munições e armamento		opinião publica critica com as baixas entre a população civil	X	
Informações			Fracos meios de pesquisa				
Operações de Apoio			Incapacidade de combate nocturno	Meios de GE eficazes			X

Fonte: Processo de tomada de decisão militar (2005)

Anexo C- BREVE CRONOLOGIA DO CONFLITO

2003	
20 MAR	Início da operação “Liberdade do Iraque” com ataques contra Bagdad e entrada das forças terrestres americanas e britânicas pelo sul do país.
23 MAR	Jessica é feita prisioneira de guerra.
9 ABR	Hospitais em Bagdad lotados
22 JUL	Os filhos de Saddam Hussein, Uday e Qusay, são mortos em Mossul
19 AGO	O brasileiro Sérgio Vieira de Mello, representante Especial das Nações Unidas no Iraque, morre num atentado contra a sede da ONU em Bagdad.
3 SET	Primeiro governo pós-Saddam
2 OUT	David Kay, chefe do Grupo de Inspeção no Iraque (ISG), reconhece que não foram encontradas armas de destruição em massa (ADM), principal argumento para a invasão americana
13 DEC	Captura de Saddam Hussein perto de Tikrit.
2004	
08 ABR	Reféns Coreanos e Japoneses
18 ABR	A Espanha decide retirar as suas tropas.
28 ABR	Difusão de imagens de presos iraquianos humilhados por militares americanos na prisão de Abu Ghraib, perto de Bagdad.
13 MAI	Rumsfeld visita o Iraque
7 DEC	Soldados Americano insatisfeitos
2005	
4 MAR	A libertação da jornalista italiana Giuliana Sgrena custa a vida do agente secreto Nicola Calipari, baleado por soldados americanos.
12 ABR	Rumsfeld visita o Iraque
19 OUT	Começa o julgamento de Saddam Hussein pelo massacre de Dujail
2006	
13 MAR	O Reino Unido anuncia a retirada de 800 soldados até Maio, 10% das tropas presentes no Iraque.
7 JUN	Al-Zarqawi morre num ataque americano a norte de Bagdad.
21 AGO	Tem início o segundo julgamento contra Saddam Hussein pelo genocídio de 180.000 curdos nas campanhas de Anfal em 1987 e 1988
5 NOV	Saddam Hussein é condenado à morte.
6 DEC	A “Comissão Baker” entrega a Bush um relatório que recomenda uma

	mudança da política americana no Iraque.
9 DEC	Rumsfeld visita o Iraque para se despedir das tropas americanas
30 DEC	Saddam Hussein é executado na forca.
2007	
10 JAN	Bush anuncia envio de reforço de 21.500 soldados
15 JAN	Execução de Barzan al-Tikrit e Awad al-Bandar, colaboradores de Saddam.
11 FEV	Comandantes do Exército dos EUA assumem erros.
4 MAR	Hospital Militar Americano.
8 MAR	Responsável pelas tropas americanas no Iraque diz que não são precisos reforços imediatos.
31 MAR	Militares Britânicos são feitos prisioneiros em Chat-el-Arab.
20 MAR	Execução do ex-vice-presidente Taha Yasin Ramadan.
22 MAR	Líder da ONU faz visita surpresa ao Iraque.
1 MAI	Congresso Americano veta o orçamento militar.
AGO	O principal bloco político sunita no Iraque deixa o governo.
3 SET	Bush visita o Iraque
13 SET	Bush defende recomendações do comandante das forças norte-americanas no Iraque, General David Petraeus, anunciando a redução de 20 unidades militares norte-americanas no Iraque para 15 até Julho de 2008, o que equivale a cerca de 30 mil soldados.
14 SET	Casa Branca entrega ao Congresso norte-americano o relatório de avaliação do progresso da situação iraquiana. O relatório faz críticas ao governo iraquiano, mas conclui que a estratégia presente dos EUA está a começar a estabilizar o Iraque.
OUT	Parlamento turco autoriza operações militares no norte do Iraque com o objectivo de capturar rebeldes curdos do PKK.
4 OUT	Prisões de Bagdad- Denúncias dos combatentes e civis iraquianos sobre torturas e maus tratos infligidas pelas tropas Iraquianas.
18 DEC	Condoleezza Rice visita Bagdad.
19 DEC	Senado americano aprova fundo de 70 biliões de dólares para guerras.
2008	

JAN	Parlamento aprova legislação permitindo os antigos oficiais do partido Baath, de Saddam Hussein, retornar à vida pública.
FEV	Ataques suicidas matam mais de 50 pessoas em Bagdad. Forças turcas organizam uma ofensiva terrestre contra o PKK no norte do Iraque.
MAR	Visita do presidente iraniano, Mahmoud Ahmadinejad.
19 ABR	O confronto iniciado em Basra alastrou-se, e o clérigo xiita ameaça romper o cessar-fogo e declarar “guerra aberta até a libertação”, caso a campanha governamental não cesse.
20 ABR	Condoleezza Rice faz visita surpresa ao Iraque.
23 ABR	Mudança de comandos nas tropas americanas.
21JUL	Visita de Barack Obama